

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

EDUARDO HENRIQUE TANAKA MARTINS

UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO METODOLÓGICA DA
ECONOMIA INSTITUCIONAL ORIGINAL: Principais
fundamentos e diálogo com o debate epistemológico
contemporâneo

VITÓRIA

2023

EDUARDO HENRIQUE TANAKA MARTINS

**UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO METODOLÓGICA DA
ECONOMIA INSTITUCIONAL ORIGINAL: Principais
fundamentos e diálogo com o debate epistemológico
contemporâneo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para a obtenção do título de Mestre em Economia.

**Orientador: Prof. Dr. Alexandre Ottoni
Teatini Salles**

VITÓRIA

2023

EDUARDO HENRIQUE TANAKA MARTINS

UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO METODOLÓGICA DA ECONOMIA
INSTITUCIONAL ORIGINAL: PRINCIPAIS FUNDAMENTOS E DIÁLOGO COM O
DEBATE EPISTEMOLÓGICO CONTEMPORÂNEO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para a obtenção do título de Mestre em Economia.

Vitória, 30 de novembro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br ALEXANDRE OTTONI TEATINI SALLES
Data: 01/12/2023 16:18:40 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Ottoni Teatini Salles
Universidade Federal do Espírito
Orientador

Documento assinado digitalmente
gov.br ALAIN PIERRE CLAUDE HENRI HERSCOVICI
Data: 01/12/2023 17:30:15 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Alain Pierre C. H. Herscovici
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente
gov.br CAROLINA MIRANDA CAVALCANTE
Data: 01/12/2023 17:19:09 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Carolina Miranda Cavalcante
Universidade Federal do Rio de Janeiro

M379a Martins, Eduardo Henrique Tanaka, 1989-
Uma análise da evolução metodológica da Economia Institucional Original : principais fundamentos e diálogo com o debate epistemológico contemporâneo / Eduardo Henrique Tanaka Martins. - 2023.
79 f.

Orientador: Alexandre Ottoni Teatini Salles.
Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Economia Institucional. 2. Economia - Metodologia. 3. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 4. Teoria do conhecimento. 5. Sociologia do conhecimento. I. Salles, Alexandre Ottoni Teatini. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 330

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES)

This study was financed in part by the Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES)

AGRADECIMENTOS

Se Antístenes estiver certo e "a gratidão é a memória do coração", meu coração está cheio de memórias. Nisso baseio meus agradecimentos. No PPGEco/Ufes, conheci professores e servidores que contribuíram muito para o meu conhecimento, a todos nutro profundo respeito pessoal e profissional, mas devo citar especialmente Alexandre Salles, Alain Herscovici, Robson Grassi e Liliana Alencar por contribuírem para minha formação intelectual, eles agregaram bastante ao meu conhecimento econômico e não econômico, sobretudo no que se refere à Economia Institucional Original, metodologia e teoria econômica heterodoxa e/ou ainda tiveram paciência com minhas limitações. Inclusive, qualquer erro, é totalmente de minha responsabilidade.

Aos meus colegas, os quais convivi e aprendi um pouco mais sobre amizade e como laços afetivos podem trazer conhecimento, a todos meu muito obrigado, especialmente a esses mineiros maravilhosos¹ César Malagutti, Gustavo Carvalho e Bruna Medeiros Gouvêa, assim como o paranaense de olhos amendoados, cuja beleza é apenas superada pelo estilo do seu nome, Dreyfuss Stege. Eles me inspiraram e motivaram muito durante o mestrado.

Aos amigos que discutiram economia e outros assuntos comigo em alto nível Gracielle Maria, André Naves, Rebeca Santos, Theodoro Sposito, Rafael Camatta, Gabriel Romeu, Itamar Rocha, Paula Condotta, Tito Silva, Gabriel Gules, Caio Ferreira Lopes e Priscila Rodrighero, além de todos institucionalistas originais lidos, assistidos ou ouvidos, agora sei o quanto é importante tê-los ao meu lado para sempre estimular o que há de melhor em mim (*workmanship*).

É a verdadeira semente do afeto. Pessoas demasiadamente humanas que amo profundamente e agora fazem parte de um universo particular de memórias. Lá se juntam à minha família, a qual deixo meu louvor: pai, mãe, irmãos: Flávio, César, Alexandre e Pedro Pelegrino e por fim meu tio Francisco, que passou por gravíssimos problemas de saúde esse ano, mas nem por isso deixou de me ajudar.

“Ó mundo futuro, nós te criaremos” disse Drummond. Adapto e digo “criaremos o mundo futuro, vivendo o afeto presente dos amores do passado”. Vocês são meu passado, nosso presente e todo futuro. No fim das contas, a verdadeira eternidade está no amor, afinal “amor nunca acaba, se acabou não era amor” (Nelson Rodrigues).

¹ Paráfrase de “Esses negros maravilhosos” do narrador esportivo Luiz Roberto.

“O estudo das instituições abre a porta à percepção da importância das relações estruturais, o que sempre me pareceu essencial.”

Celso Furtado em *Conversas com Economistas Brasileiros* (orgs Birdman, Rego, Cozac, 1996.)

RESUMO

O objetivo da presente dissertação é fazer um estudo sistemático acerca dos fundamentos metodológicos propostos da Escola Institucional Original a partir das contribuições seminais propostas por Thorstein Veblen (1857-1929). À luz dos primeiros fundamentos elaborados por este autor, procura-se avançar neste debate com base nas contribuições acerca do método desenvolvidas por autores institucionalistas contemporâneos, bem como pertencentes a correntes heterodoxas correlacionadas ao Institucionalismo Original. Para tanto, a princípio, discute-se diferentes concepções científicas e metodológicas dentro da evolução da filosofia da ciência, sobretudo a vertente evolucionária proposta por Charles Darwin (1809-1882), assim como a corrente positivista e seu desdobramento crítico a partir de Karl Popper (1902-1994), Milton Friedman (1912-1906), Imre Lakatos (1922-1974), Thomas Kuhn (1922-1996) e Paul Feyerabend (1924-1994). Em seguida, a análise concentra-se nos escritos metodológicos de Thorstein Veblen (1857-1929), que busca localizar sua proposta de uma economia evolucionária dentro da história da filosofia da ciência. Procura-se também argumentar como o autor fundamentou e antecipou a elaboração de diversos tópicos importantes para o debate metodológico e econômico no século XXI. Por fim, explora diálogos teóricos contemporâneos com pensamento metodológico evolucionário vebleniano relacionando com os escritos de autores como Geoffrey Hodgson (1946-), Tony Lawson (1950-), Sheila Dow (1949-), Alain Herscovici (1957-) entre outros. A principal conclusão da Dissertação é que, ao longo de mais de um século de teorização, a Economia Institucional Original apresenta uma natureza teórica metodológica multidisciplinar que pode contribuir (ou convergir) com as pesquisas de economistas (não necessariamente institucionalistas) para a interpretação de questões socioeconômicas atuais da Economia.

Palavras-Chave: Economia Institucional Original, Metodologia, Thorstein Veblen

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to provide a systematic study of the methodological foundations proposed by the Original Institutional School based on the seminal contributions made by Thorstein Veblen (1857-1929). Building on the initial concepts put forth by this author, this work seeks to advance the discussion by integrating insights from contemporary institutionalist authors and those belonging to related heterodox streams of Original Institutionalism. To achieve this, we first discuss various scientific and methodological conceptions within the evolution of the philosophy of science, especially the evolutionary approach proposed by Charles Darwin (1809-1882), as well as the positivist tradition and its critical development through the works of Karl Popper (1902-1994), Milton Friedman (1912-1906), Imre Lakatos (1922-1974), Thomas Kuhn (1922-1996), and Paul Feyerabend (1924-1994). Subsequently, the analysis centers on Thorstein Veblen's (1857-1929) methodological writings, aiming to position his proposal of an evolutionary economics within the history of the philosophy of science. The dissertation also endeavors to argue how the author laid the groundwork for and anticipated the development of various significant topics for the methodological and economic discourse in the 21st century. Finally, it explores contemporary theoretical dialogues with Veblenian evolutionary methodological thought, connecting them to the works of authors such as Geoffrey Hodgson (1946-), Tony Lawson (1944-), Sheila Dow (1949-), Alain Herscovici (1957-), among others. The primary conclusion of the dissertation is that over more than a century of theoretical development, Original Institutional Economics possesses a multidisciplinary theoretical and methodological nature that can contribute to or align with the research of economists, even those who are not necessarily institutionalists, in interpreting current socio-economic issues in Economics.

Keywords: Original Institutional Economics, Methodology, Thorstein Veblen

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 2 – UMA INVESTIGAÇÃO PONTUAL SOBRE A EVOLUÇÃO DA FILOSOFIA DA CIÊNCIA: PROPOSTAS EVOLUCIONÁRIAS, VERIFICACIONISTA, FALSIFICACIONISTA E INSTRUMENTALISTA.....	13
2.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2.2. O MÉTODO EVOLUCIONÁRIO DE ACORDO COM A ECONOMIA INSTITUCIONAL ORIGINAL	14
2.2.1 A proposta evolucionária de Charles Darwin e os 7 pilares filosóficos darwinianos	16
2.3. VERIFICACIONISMO, FALSIFICACIONISMO E INSTRUMENTALISMO	20
2.4. CRÍTICAS METODOLÓGICAS AO POSITIVISMO CIENTÍFICO DE THOMAS KUHN, IMRE LAKATOS E PAUL FEYERABEND.....	24
2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
CAPÍTULO 3 – EVOLUÇÃO EPISTEMOLÓGICA EM VEBLÉN E SUA INFLUÊNCIA SOBRE WALTON HAMILTON, JOHN COMMONS E WESLEY MITCHELL.....	28
3.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	28
3.2.1. KANT E A CRÍTICA DO JUÍZO ([1884]/2021)	29
3.2.1.2. Influência da filosofia pragmatista sobre Thorstein veblen	31
3.2.2. POR QUE A ECONOMIA NÃO É UMA CIÊNCIA EVOLUCIONÁRIA? ([1898]/2017).....	35
3.2.3. O INSTINTO PARA O ARTESANATO E A AVERSÃO AO TRABALHO EM GERAL ([1898b]/2007)	40
3.2.4. THE PRECONCEPTIONS OF ECONOMIC SCIENCE PART I(1899b) II(1899c) E III (1900)	43
3.3. WALTER H. HAMILTON (1881-1958)	49
3.4. JOHN R. COMMONS (1862-1945).....	51

3.5. WESLEY CLAIR MITCHELL (1874-1948).....	53
3.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
CAPÍTULO 4 - DEBATES METODOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS E SUA RELAÇÃO COM A ECONOMIA INSTITUCIONAL ORIGINAL.....	57
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	57
4.2.1. GEOFFREY HODGSON E O DARWINISMO GENERALIZADO	58
4.2.2. CRÍTICAS AO DARWINISMO GENERALIZADO.....	60
4.3. TONY LAWSON, DO REALISMO CRÍTICO À ONTOLOGIA SOCIAL.....	61
4.4. ALAIN HERCOVICI E VALOR E HISTORICIDADE NA EPISTEMOLOGIA ECONOMICA (2023)	63
4.4.1. RELAÇÃO ENTRE HERCOVICI E FOUCAULT COM VEBLEN E A EIO	67
4.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

"A filosofia da ciência sem a história da ciência é vazia; a história da ciência sem a filosofia da ciência é cega" (Lakatos)

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

O propósito desta dissertação é investigar a metodologia da Economia Institucional Original (doravante EIO) com um enfoque na evolução da filosofia e história da ciência. Inicialmente, busca-se delinear o escopo da EIO ao analisar os artigos e livros de seu principal precursor, Thorstein B. Veblen (1857-1929), bem como as obras de economistas influenciados por ele, como John R. Commons (1862-1945), Walter H. Hamilton (1881-1958) e Wesley Mitchell (1874-1948). Dessa forma, procura-se fundamentar o diálogo entre os debates de metodologia econômica contemporâneos e as propostas evolucionárias veblenianas.

A Dissertação busca analisar cuidadosamente (sem ter a pretensão de ser exaustiva) as características fundamentais da metodologia da Escola Institucional Original, com destaque para as contribuições de Thorstein B. Veblen. A partir dos debates metodológicos elaborados por ele e outros autores influentes da EIO, procura-se compreender a importância das instituições na Economia e na evolução histórica do tecido social.

Relacionar autores contemporâneos à EIO é uma maneira de manter a teoria relevante e adaptada às mudanças na sociedade e na economia. Entende-se que tal investigação pode ampliar o campo de estudo da Escola e oferecer novas perspectivas sobre o funcionamento das instituições, bem como suas implicações para a vida contemporânea.

À medida que o mundo enfrenta desafios sociais, econômicos e ambientais cada vez mais complexos, é importante reavaliar e adaptar as metodologias existentes para melhor compreender e abordar as discussões econômicas. Durante a elaboração desta Dissertação, será analisado os princípios, métodos e conceitos da EIO, enquanto também serão identificados os desafios que essa metodologia pode enfrentar ao lidar com questões atuais.

Para tanto, o Capítulo 2, realizará uma análise da evolução da filosofia da ciência e das diferentes abordagens metodológicas, destacando as divergências filosóficas e ontológicas que influenciam as pesquisas econômicas. Explora-se a Filosofia da Ciência desenvolvida por pensadores como Karl Popper (1902-1994), Imre Lakatos (1922-1974), Thomas Kuhn (1922-

1996) e Paul Feyerabend (1924-1994) na interpretação sociológica e histórica do desenvolvimento das correntes metodológicas.

O Capítulo 3 desta dissertação se concentra na análise da influência de Thorstein B. Veblen, considerado o precursor da EIO. Explora-se suas concepções teóricas e metodológicas, examinando como essas contribuições influenciaram os primeiros autores institucionalistas. Será analisado uma seleção de suas obras que foram fundamentais para o desenvolvimento metodológico dessa escola. Esses textos incluem:

Kant e a Crítica do Juízo ([1884]/2021);

Por que a Economia não é uma ciência evolucionária? ([1898a]/2017);

O Instinto Para o Artesanato e a Aversão ao Trabalho em Geral ([1898b]/2007);

The Preconceptions of Economic Science Part I, II([1899b), [1899c] /2011) *and III* (1900/2011)).

Essas obras servirão como base para discutir as influências veblenianas e as críticas dele às concepções metodológicas de outras Escolas econômicas, estabelecendo os alicerces para o desenvolvimento da EIO. Além disso, o capítulo aborda a influência de Veblen em autores como Walton Hale Hamilton (1881-1958), John Roger Commons (1862-1945) e Wesley Clair Mitchell (1874-1948), destacando como suas contribuições ajudaram a estruturar os métodos da EIO e ampliaram sua área de pesquisa. O capítulo enfatiza a importância duradoura da obra de Veblen e dos precursores da EIO, que continuam a oferecer *insights* para estudos contemporâneos na ciência econômica, estabelecendo uma ponte entre o passado e o presente da disciplina.

No Capítulo 4, analisamos a influência da metodologia evolucionária de Veblen em autores contemporâneos, com destaque para Geoffrey M. Hodgson(1946-). Busca-se compreender o desenvolvimento do programa de pesquisa e os principais temas de debate entre os pesquisadores. Além disso, explora-se as convergências com economistas que abordam questões metodológicas, como Tony Lawson (1950-) e Alain Herscovici(1957-). Este capítulo oferece possibilidades de pesquisa e contribui para o estudo da metodologia da EIO, considerando sua natureza multidisciplinar.

se isso é falso, e falso alguém provou
Eu não sou poeta e ninguém nunca amou”
 (Shakespeare, soneto 116)

CAPÍTULO 2 – UMA INVESTIGAÇÃO PONTUAL SOBRE A EVOLUÇÃO DA FILOSOFIA DA CIÊNCIA: PROPOSTAS EVOLUCIONÁRIAS, VERIFICACIONISTA, FALSIFICACIONISTA E INSTRUMENTALISTA

2.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao observar a história da filosofia da ciência percebe-se como as concepções metodológicas se refletem nos modos como os economistas trabalham. Assim como no interior de uma Escola da Ciência Econômica, na filosofia da Ciências há também correntes que elaboram de maneira diferente o modo pelo qual se procura explicar a realidade. A História do Pensamento Econômico está repleta de exemplos de pensadores que se dedicaram a estudar questões metodológicas, podendo-se mencionar, dentre tantos outros, John Stuart Mill (1806-1873), John Neville Keynes (1852-1949), Thorstein Veblen (1857-1929), Milton Friedman (1912-2006), etc. A obra destes *scholars* reflete como o pensamento e pesquisa de economistas - de diferentes matizes metodológicos - foram influenciados por discussões originárias da filosofia da ciência.

Seja pela aceitação, seja pela crítica, os posicionamentos dos economistas estão relacionados ao modo como cada um entende o papel da economia como ciência, sobre qual é o seu escopo teórico, quais procedimentos metodológicos para se alcançar um objetivo de estudo e sua aplicabilidade prática ou teórica. Em outras palavras, a formação do cientista importa para sua conduta, e, portanto, influenciam os seus procedimentos teóricos e práticos.

Há implícita nessa afirmação que a metodologia não é neutra, e as experiências da vida do pesquisador importa, assim como “é fundamental entender qual o contexto histórico e social, do pensador. Como alerta Herscovici” (2020), a História do Pensamento não pode se limitar ao estudo de certas individualidades, ignorando as relações dessas com a episteme da época na qual elas estão inseridas. Isso gera um grande desafio ao pesquisador que procura entender as concepções teóricas de um sujeito em outro contexto histórico, social e institucional. É necessário portanto ter cuidado de não impor sobre o autor estudado concepções anacrônicas e assim deturpar os conceitos usados dentro de circunstâncias determinadas socialmente. De qualquer maneira Wisman e Rozanski (1991) reforçam o aspecto relativo do contexto histórico:

Nevertheless, although humans everywhere may exhibit such behavior, no universal institutional contexts are suggested that might lead the theorists to expect instrumental valuing to be patterned in the same manner in differing social contexts.

Tendo isso em mente, o capítulo aborda uma parte da história da filosofia da ciência, e sua evolução. Procura contrapor correntes metodológicas diferentes que, por sua vez, refletiram nos posicionamentos dos economistas quanto à forma adequada de realizar os seus estudos econômicos. A primeira seção trata da corrente evolucionária, sobretudo na concepção Darwinista. Para tanto, usará sobretudo as seguintes obras: *Darwin's Conjecture* (2010) de Hodgson e Knudsen e *The Evolution of Institutional Economics* (2004) de Hodgson.

A segunda seção abordará a corrente que começa com o verificacionismo ainda no século XIX até chegar nas críticas falsificacionistas de Karl Popper, e o instrumentalismo de Milton Friedman. Segue relatando os desenvolvimentos de Thomas Khun, Imre Lakatos e Paul Feyraband. As principais obras que fundamentam essa parte são *Metodologia da Economia* de Mark Blaug ([1980]/2016), *Dinâmica Macroeconômica* de Herscovici (2002) e a Dissertação de Carolina Miranda Cavalcante (2007) intitulada *Análise Metodológica da Economia Institucional*. Busca-se contribuir ao atualizar, refletir e debater as limitações do verificacionismo, falsificacionismo e do instrumentalismo.

O capítulo termina com buscando expressar a importância dos debates metodológicos no campo econômico. Por mais que sejam delegados a segundo plano em muitos centros de pesquisa no Brasil e no exterior, os esforços como de Hodgson (2001, 2004), Herscovici (2020, 2023), Lawson (2021) e Dow (2021) são exemplos de como há muito a ser debatido acerca do modo de pensar e proceder dos economistas. Ainda mais quando os fundamentos metodológicos EIO surgem como meio para contribuir com o debate desses autores contemporâneos.

2.2. O MÉTODO EVOLUCIONÁRIO DE ACORDO COM A ECONOMIA INSTITUCIONAL ORIGINAL

Evolução é um termo importante na EIO. Geoffrey M. Hodgson (1946-) foi um dos responsáveis por expor as características evolucionárias darwinistas na metodologia vebleniana. Esse é, de fato, um aspecto central de seu livro de 2004, *The Evolution of Institutional Economics: Agency, Structure and Darwinism in American Institutionalism*. O

tema já havia sido tratado em outros de seus livros e artigos, mas é no livro citado que há um esforço de fôlego para reforçar a base evolucionária da Economia Institucional. Um comentário francamente elogioso é realizado por Mark Blaug (2004, p. ii):

Geoffrey Hodgson has done more than anyone else to rehabilitate, indeed to reconstruct the history-friendly evolutionary economics of the old American Institutionalism...But he has not just recovered the intellectual paternity of institutional and evolutionary economics. He has also explored and improved its philosophical foundations... The Evolution of Institutional Economics in His Crowning Achievement

De qualquer forma, neste momento, o intuito é entender em que consiste a contribuição da teoria evolucionária darwinista dentro da filosofia da ciência. Não é exagerado apontar Charles Darwin (1809-1882) como um autor fundamental dentro da evolução da filosofia da ciência, pois o escopo metodológico de suas propostas não apenas revolucionou as ciências biológicas, mas também criou a possibilidade de ser generalizada para outros campos do conhecimento.

Thorstein Veblen foi precursor em adaptar a metodologia evolucionária na economia. Em seu artigo *Por que a Economia Não É uma Ciência Evolucionária?* (1898/2017) ele sugere que fatores evolucionários devem ser considerados na análise econômica acerca do comportamento das instituições e dos indivíduos. Isto implica reconhecer que “Veblen adotou uma posição pós darwiniana, enfatizando o caráter de "processo de causação" tão comum na concepção evolucionária” (CONCEIÇÃO, 2009). Além disso os princípios evolucionários aproximam a EIO da biologia, como explica Hodgson, [1998]/2017, p.252-253):

A biologia evolucionária tem algumas leis ou princípios gerais pelos quais origem e desenvolvimento podem ser explicados. A análise da evolução de dado organismo requer dados detalhados sobre ele e seu ambiente, e também explicações específicas relativas à espécie considerada... Em sua ênfase relativamente maior sobre as especificidades, a Economia Institucional lembra mais a Biologia do que a Física.

Porém não é apenas na OIE que existe essa aproximação. Os neo-schumpeterenos também buscaram nas analogias evolucionárias² como argumento metodológico para a composição de sua teoria. Um Exemplo notável é o livro *Uma Teoria Evolucionária da Mudança Econômica* (1982/2005), de Sidney Winter e Richard Nelson. Ademais, pode-se mencionar autores da Escola Francesa da Regulação que utilizaram também tais analogias no livro *Evolutionary Microeconomics* (2002) de André Orléan, e na análise do livro de Samuel Bowls,

² No capítulo 7 do livro *Capitalismo, Socialismo e Democracia* (1942), Schumpeter expressa compreensão que a economia é um processo evolucionário e chama atenção para Marx ser um dos poucos a atentar para tal fato. Curiosamente, ele não menciona que Thorstein Veblen explicitamente defendeu o mesmo em *Por que a Economia Não É Uma Ciência Evolucionária?* (1898).

Microeconomics Behavior, Institutions and Evolution (2004) de Cavalcante e Boff (2020). Todos esses, em alguma medida, possuem influência da teoria evolucionária³. Isso não quer dizer que todos realizem o mesmo recorte metodológico e sejam teoricamente plenamente compatíveis entre si. O que se está querendo afirmar é que diferentes Escolas da Ciência Econômica incursionaram de forma teoricamente robusta pela temática evolucionária.

Isso mostra a possibilidade de partir de uma mesma corrente metodológica, nesse caso da concepção evolucionária, e chegar a procedimentos metodológicos diferentes, inclusive com estrutura conceitual diversa de outras Escolas. Então, a análise de Darwin e dos seus pressupostos é justificada dentro dos estudos metodológicos econômicos. Ressalta-se que o tipo de teoria evolucionária é materialista⁴, o que se contrapõe a elementos metafísicos⁵, nesse ponto referem-se. A este respeito, Argyrous, Sathe (1996, p.476) afirmam que:

Evolutionary habits of thought, in contrast [with evolutionary metaphysics], are held to be 'substantially materialistic' in the sense that they are free of any preconceptions regarding inherent tendencies or controlling principles which underlie the laws of motion. From this standpoint, dynamic analysis in a truly evolutionary (Darwinian) theory is characterised by 'non-spiritual' sequences and 'dispassionate cumulative causation.

Assim, a incorporação de uma abordagem materialista e livre de preconceitos metafísicos nas teorias econômicas evolucionárias abre espaço para uma análise mais objetiva e direcionada à compreensão das dinâmicas econômicas contemporâneas. A partir desse ponto de vista, a análise dinâmica em uma teoria evolucionária darwiniana é caracterizada por sequências "não espirituais" e uma "causação cumulativa impessoal". A próxima seção explorará as bases filosóficas e metodológicas da proposta darwiniana.

2.2.1 A proposta evolucionária de Charles Darwin e os 7 pilares filosóficos darwinianos

A publicação de *A Origem das Espécies* (1859/2018) foi um marco nas propostas de modificação biológica das espécies. Nesse livro, Darwin apresenta conceitos centrais da sua

³ Para diferenças das concepções evolucionárias e institucionais ver Chevance (2018)

⁴ Um exemplo de "teoria evolucionária metafísica" é dada por Charles Sanders Peirce nos seus escritos do final da vida (ALMEIDA, LUZ, 2023). No presente trabalho, o que importa é destacar o fato de Veblen (assim como Dewey) se propunha a uma teoria evolucionária materialista.

⁵ Na Filosofia, autores diferentes conceituam o termo metafísica de forma diferente. Aristóteles concentrava-se na compreensão da essência e causalidade por meio da observação empírica, enquanto Kant priorizava estabelecer limites e condições do conhecimento humano, enfatizando o papel ativo da mente na construção da realidade percebida, ou seja, o limite da metafísica está no objeto cognoscível ou não a partir das experiências humanas. Para essa discussão ver Robinson ([1962]/2016) e sobre a metafísica em Veblen em *Bartley; Bartley, (2017)*.

teoria que se contrapunham a outros autores que desenvolveram pesquisas sobre questões evolucionárias, sendo mais conhecido Jean-Baptiste Lamarck. Uma diferença fundamental entre ambos é a abordagem de seleção natural darwinista contra a concepção de caracteres adquiridos lamarckiana. A tese darwinista resume-se no fato que os membros de uma população melhor adaptados ao ambiente tem maior taxa de sobrevivência e possibilidades de procriar, e assim passar suas características físicas à descendência, enquanto os menos adaptados possuíam maior taxa de mortalidade e menores chances de reprodução. As concepções darwinistas se baseiam na adaptação ao ambiente, na seleção natural e na variação proporcionada por essa seleção. Tal interpretação deve levar em conta a importância do tempo afinal, o “termo evolucionário inclui uma preocupação com processos de mudança que sejam de longo prazo e progressivos” (NELSON, WINTER, [1982]/2012).

A dificuldade nos primórdios da teoria evolucionária darwiniana foi explicar a variação. Algo que só foi resolvido definitivamente depois dos anos 1940 com a convergência da teoria darwiniana com as concepções genéticas e as consequentes perspectiva de mutação expressas pelos pós-darwiniano. Até lá houve embates e as correntes lamarckianas e specerianos ainda tinham muito espaço nas discussões biológicas, ou seja, havia muitas controvérsias dentro das concepções evolucionárias, o que possivelmente desestimula o esforço de usar analogias metodológicas ligadas a uma ou outra concepção. Por isso, as tentativas de aproximar a Economia e outras ciências sociais das teorias evolucionárias darwinistas não foram numerosas. Entre essas poucas tentativas, encontra-se a proposta vebleniana. Essa aproximação será tratada com mais detalhes no capítulo 3 e 4. Por enquanto, é possível levantar alguns escritos econômicos que influenciaram Darwin, Hodgson (2004, p.69) expõe:

The inspiration for Darwin's theory of natural selection came partly from economics. His early notebooks (Gruber, 1974; Vorzimmer, 1977) show that in 1838 and 1839 Darwin read Adam Smith's Theory of Moral Sentiments. Darwin was also influenced by his friend Charles Babbage, who wrote an important text On the Economy of Machinery and Manufactures (Babbage, 1832; Schweber, 1977, 1980; Hodgson, 1993). In 1838, when Darwin was on the verge of his theoretical breakthrough, he also read the famous Essay on the Principle of Population by Thomas Robert Malthus (Schweber, 1977; Hodge and Kohn, 1985). Malthus depicted a picture of species superfecundity in the face of enduring resource scarcity, upon which Darwin developed his own theory of natural selection.

Darwin chega a citar Malthus no capítulo 3 da *Origens das Espécies* (1859) intitulado *Luta Pela Sobrevivência*. Em suma, se a natureza reproduz mais indivíduos de uma espécie que os recursos disponíveis para manutenção de todos os indivíduos, haverá mortes nessa população. A questão é que aqueles indivíduos que sobrevivem são, em geral os melhores adaptados ao

ambiente. Estes então se reproduzem posteriormente, promovendo assim um processo de seleção natural. Este é apenas um exemplo de interação metodológica entre campos do conhecimento, no caso entre a Economia Política e a Biologia Evolucionária.

Os conceitos darwinianos podem ser generalizados e aplicados para além da biologia. Porém, Hodgson (2004) chama a atenção ao que denomina *mythologies of social darwinism*. Ele argumenta que, na realidade, a aplicação adequada e completa do método darwinista nas ciências sociais ainda está por vir. Durante o começo do século XX, a confusão entre as doutrinas de Herbert Spencer e Charles Darwin levaram a uma aplicação errônea dos conceitos darwinistas. Evolução para Darwin não possui fim teleológico, ou seja, não há premeditação ou finalidade no processo evolutivo. A evolução não quer dizer progresso e não há determinação ou previsibilidade nas variações das características via seleção natural. Em Hodgson e Knudsen, (2010, p.5):

Darwin provides an overarching theory, in which other, special assumptions and auxiliary theories must be placed. This theoretical framework is a major stepping-stone for the sciences of evolving, complex phenomena. At the same time, Darwinism obliges us to focus on those detailed mechanisms in order to identify the causal mechanisms or “algorithms” that generate complex outcomes (Dennett 1995). Darwin was one of the first and most profound theorists of complexity.

Se Knudsen e Hodgson estiverem certos, a metodologia evolucionária darwinista é uma fonte para as discussões teóricas econômicas contemporâneas. Como já foi dito, as correntes evolucionárias em Economia, entre elas a EIO, tem a necessidade de fazer avançar as discussões metodológicas a partir dos conceitos básicos do darwinismo. É preciso tomar cuidado para fundamentar os princípios para não confundir com outras formas de teorias evolucionárias como as de Herbert Spencer, por exemplo.

Hodgson (2004, pp. 95-97) descreve 7 pilares filosóficos do darwinismo. Segundo o autor, eles foram expressos explicitamente por Darwin, e concebidos a partir de reflexões metodológicas evolucionárias durante do século XX. É, portanto, uma base para as discussões de como o método evolucionário darwiniano se fundamenta filosoficamente e metodologicamente.

1 – *Principle of determinacy.*

Trata-se do princípio filosófico da causação. É a relação entre causa e efeito, onde qualquer evento necessariamente tem uma causa. A visão adotada aqui não denota mecanicismo uma vez que não há necessariamente previsibilidade ou regularidade nos eventos.

2 – *Emergentist materialism.*

Não há dualidade matéria/mente, no princípio adotado, a mente emerge das relações orgânicas e materiais do corpo humano. O cérebro e o sistema nervoso são a base das experiências sensíveis, embora essas sejam complexas e procurem evitar o reducionismo, pois muitos fenômenos mentais ainda têm causas indeterminadas

3 – *Population thinking.*

É a princípio da relação entre o indivíduo e a população, onde esse ente é semelhante, mas não igual aos outros membros da população. O que leva a uma concepção de variações entre as características individuais mantendo as mesmas características essenciais da população.

4 – *The doctrine of continuity.*

Existe uma continuidade nos processos e apesar disso não há saltos e nem causação final definida, o processo ocorre continuamente sem ter teleologia ou uma determinação clara. Os indivíduos de uma espécie mudam continuamente e lentamente no processo de seleção natural o que no longo prazo pode ocorrer grandes mudanças porque elas foram acumuladas.

5 - *Cumulative causal explanation.*

Busca-se explicar em cada etapa do processo causal cumulativo os fatores que desencadeiam a mudança. Mesmo que a causa seja de difícil determinação, procura-se o que Hodgson chama de algoritmos processuais, que no caso da teoria darwinista é a seleção natural. Identificar tais algoritmos ajudam na explicação de cada etapa do processo.

6 – *Principle of evolution explanation*

Os processos cumulativos devem explicar um processo de mudança ao longo do tempo, seja ele biológico ou social, ou seja, a cadeia causal deve ser coerente com uma teoria evolucionária.

7 - *The principle of consistency of Science.*

Trata da interação entre os campos científicos. Os princípios adotados na interação em cada campo científico devem ser coerentes entre si. Os pilares descritos acima são importantes para nortear os estudos evolucionários da EIO. No contexto desta dissertação, são relevantes também para formar a base para comparar com as correntes não evolucionárias. Além disso percebe-se como consolidar os estudos econômicos em bases processuais causa e efeito não teleológica ou

determinada, modifica o objeto da análise estática e de equilíbrio da escola neoclássica, segundo Hodgson, 2004, p. 95):

The existence of multiple possibilities among a population of similar units enlarges the real opportunity for variety and enhances ‘population thinking’. This vital ingredient to Darwinism moves us away from the relative simplicity of Newtonian mechanics to a much more complex, varied and evolving world, where path dependence and history are paramount.

O ponto aqui a ser levantado é que as correntes da filosofia da ciência que sustentam o pensamento ortodoxo são diferentes. A próxima seção procura acompanhar a evolução das correntes da filosofia da ciência que sustentam os procedimentos metodológicos de parte relevante dos estudos econômicos atuais.

2.3. VERIFICACIONISMO, FALSIFICACIONISMO E INSTRUMENTALISMO

O século XIX foi de grandes avanços científicos, as discussões epistemológicas se fortaleceram devido às novas fronteiras do conhecimento. Em meados do século, se fortaleceu a posição verificacionista, que possuía um certo indutivismo ingênuo (BLAUG, [1980]/2016), Por mais que David Hume (1711-1776) já tivesse realizado a crítica, isso não impediu que cientistas realizassem seus estudos com um viés verificacionista. Entre os economistas, o autor que melhor representa essa corrente é John Stuart Mill, mas é preciso ponderar que outros como John Elliot Cairnes (1823-1875) autor de *Character and Logical Method of Political Economy* (1875). Sobre este aspecto, (Blaug ([1980]/2016, p.38) afirma:

De acordo com a abordagem padrão da ciência em meados do século XIX, as investigações científicas começam com a observação livre e sem preconceitos dos fatos, prosseguem por meio da inferência indutiva em direção à formulação de leis universais sobre esses fatos e chegam finalmente por meio de indução mais ampla, a enunciados e generalidade ainda maiores conhecidos como teorias; tanto as leis como as teorias são finalmente examinadas para que se possa aferir seus conteúdos de verdade, por meio de comparação de suas consequências empíricas com todos os fatos observados, inclusive aqueles com os quais elas iniciaram. Essa visão indutiva da ciência, perfeitamente resumida no livro *System of Logic, Ratiocinative and Inductive*, de John Stuart Mill (1843) começou a desvanecer gradualmente na última metade do século XIX, sob a influência dos escritos de Ernst Mach, Henri Poincaré e Pierre Dunhem.

O modelo hipotético-dedutivo (doravante H-D) substituiu o indutivismo inicial. Muitos acham que, na Economia, o único método totalmente científico é o hipotético-dedutivo porque ele, sozinho, permite hipóteses precisas e quantificáveis (BRESSER-PEREIRA, 2009). Isso permitiu o uso intensivo dos métodos quantitativos e aprofundou o distanciamento da Escola

Neoclássica das outras Escolas que usavam métodos históricos. “O método é dedutivo pois envolve pelos menos uma lei universal” (BLAUG, [1980]/2016) e é usado para prever eventos específicos.

“O método H-D é oriundo de um projeto lógico positivista que reconhecia três tipos de proposições: analíticas, sintéticas e metafísicas” (CAVALCANTE, 2007). O projeto lógico positivista teve como objetivo demarcar o que são proposições científicas cognoscíveis ou metafísicas incognoscíveis. Portanto é preciso existir um critério de demarcação, que inicialmente foi o verificacionismo. Porém, segundo Popper, “as verificações empíricas não permitem estabelecer um critério de demarcação” (HERSCOVICI, 2002).

As etapas do processo H-D segundo Gil (2017) são: 1 – Levantar o problema, 2 – Conjecturas; 3 - Dedução das consequências observadas; 4 – Tentativa de falseamento; 5 - Corroboração. Nas suas palavras (Gil, 2017, p.13)

Quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Para tentar explicar a dificuldade expressa no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências observáveis, que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tentar tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses. Enquanto no método dedutivo procura-se a todo custo confirmar a hipótese, no método hipotético-dedutivo, ao contrário, procuram-se evidências empíricas para derrubá-la. Quando não se consegue demonstrar qualquer caso concreto capaz de falsear a hipótese, tem-se a sua corroboração, que não excede o nível do provisório. De acordo com Popper, a hipótese mostra-se válida, pois superou todos os testes, mas não definitivamente confirmada, já que a qualquer momento poderá surgir um fato que a invalide.

Portanto, ponto de partida é a análise crítica de Karl Popper. E a partir de Herscovici (2002) e Cavaltante (2014), apreende-se que a sugestão popperiana surge a partir da crítica ao método indutivo e ao critério de verificabilidade. O problema da indução ocorre pelo fato que não é possível apreender o geral pelas observações particulares, segundo (Popper ([1935]/1975, p.263-65):

Pois qualquer previsão obtida desta maneira pode sempre acabar sendo falsa: não importa quantas instâncias de cisnes brancos possamos ter observado, isto não justifica de que todos os cisnes são brancos...A partir de Hume deveria ter ficado claro que facilmente aparecem inconsistências ligadas ao princípio de indução; e também que se pode evita-las, se é que tal coisa é possível, somente com dificuldade.)

Para tentar resolver essas limitações, é proposta a falseabilidade, “onde deve ser possível refutar pela experiência um sistema científico empírico” (POPPER, [1935]/1975). Nesse critério, há dois pontos que merecem destaque, conforme em Herscovici (2002): 1) tem de ter

condições de ser submetida à prova. Será testada a partir de suas previsões, ou seja, de suas predições; e 2) a lei deve ser falseável a partir de enunciados universais que nunca são dedutíveis dos enunciados singulares, mas os enunciados singulares podem contradizê-los (POPPER, [1935]/1975).

Apesar de ter grande apelo entre muitos economistas, a proposta popperiana possui grandes contradições, e por mais esforços para resolver a questão, o problema continua sem solução. Mesmo um grande defensor da metodologia convencional oriunda da proposta falseabilista admite que a filosofia da ciência em curso da economia moderna pode então ser caracterizada como “falseabilismo inócuo” (BLAUG, [1980]/2016). Porém, a este respeito, onde está o problema metodológico?

A fonte para esta resposta está na contradição do próprio Popper, pois ao rejeitar o positivismo, ele não poderia usar o próprio método positivista para preconizar a falseabilidade. Popper argumenta que a indução não é instrumento validação e ainda que as observações nunca são neutras, ou seja, sempre há uma teoria embasando os dados observados. Assim, “seria impossível adotar uma observação objetiva e na realidade a construção da teoria e a análise dos dados seriam realizados justamente para “blindar” o núcleo duro da teoria e assim evitar falseá-la.” (HERSCOVICI, 2002)

Outro problema ainda mais grave é que os fenômenos econômicos não são isoláveis, sendo no mínimo muito complicado, para não dizer impossível, observá-las em experimentos rotineiros como nas ciências naturais, dados são intrinsecamente históricos.

Mesmo assim, a método lógico-positivista encontra espaço para se perpetuar. No campo econômico, uma defesa muito conhecida na literatura é a de Milton Friedman. “A sua proposta de instrumentalismo se refere principalmente aos critérios para escolhas de hipóteses, um deles é o poder preditivo, mas não é o único, pode também ser a fecundidade e simplicidade” (CAVALCANTE, 2007).

É importante ressaltar que o instrumentalismo não é a mesma coisa que falseabilidade. As consequências do artigo – *A Metodologia da Economia Positiva* (Friedman, 1953) podem surpreendentemente trazer um viés pragmatista. Ou seja, Friedman de fato deve mais a John Dewey do que a Karl Popper, ele é um pragmatista em vez de falsificacionista (BLAUG, [1980]/2016). Essa tese é defendida por Hirsch e Marchi em: *Milton Friedman: Economics in*

Theory and Practice (1990)⁶. De qualquer forma, o interesse é discutir a questão dos pressupostos não realistas, Friedman (1953/1966, p.32) é contundente em relação a isso:

A theory or its "assumptions" cannot possibly be thoroughly "realistic" in the immediate descriptive sense so often assigned to this term. A completely "realistic" theory of the wheat market would have to include not only the conditions directly underlying the supply and demand for wheat but also the kind of coins or credit instruments used to make exchanges; the personal characteristics of wheat-traders such as the color of each trader's hair and eyes, his antecedents and education, the number of members of his family, their characteristics, antecedents, and education, etc.; the kind of soil on which the wheat was grown, its physical and chemical characteristics, the weather prevailing during the growing season; the personal characteristics of the farmers growing the wheat and of the consumers who will ultimately use it; and so on indefinitely

A economia deve buscar elementos abstratos, mas que não precisam ser pressupostos reais, assim existe um deslocamento do que se considera importante dentro da formulação teórica. Tira-se a importância dos pressupostos para em seguida propor o poder preditivo como um critério mais adequado para julgar um modelo satisfatório ou não. Isso leva a levar a economia neoclássica a uma noção instrumentalista, como ressalta Cavalcante (2014, p.13):

De acordo com Friedman, por constituírem uma abstração da realidade, os pressupostos não podem ser realistas. Ao abstrair um elemento da realidade, o pressuposto não é capaz de capturar as conexões reais presentes no mundo, de modo que acaba por desfazer a configuração original da realidade quando busca apreendê-la conceitualmente. Por conseguinte, os pressupostos poderiam ser apenas representações simplificadas dos elementos da realidade. Uma teoria econômica, nessa concepção instrumentalista, não poderia jamais capturar todas as conexões da realidade econômica, uma vez que acabaria reproduzindo a realidade num imenso e improvável modelo que se configuraria como uma cópia da realidade

O intuito do Instrumentalista é realizar boas previsões em eventos específicos, e assim medir a viabilidade do modelo a partir da sua utilidade prática. Porém, o problema da exposição de Friedman é outro. Por todo ensaio de 1953, há uma defesa que a Ciência Econômica deve se ater ao positivo (como é), não ao normativo (como deve ser). Desse modo, busca-se defender a neutralidade científica. Contudo uma ciência positiva nos moldes do instrumentalismo proposto por Friedman não é possível. A principal implicação da tentativa de construção de uma ciência axiologicamente neutra é a veiculação de uma visão de mundo que não é

⁶ O instrumentalismo e a influência de Dewey sobre Friedman é um tema polêmico e em aberto. O ponto central em debate é o uso instrumental das previsões econômicas poderiam ser comparadas a um certo instrumentalismo de Dewey. Porém institucionalistas como Paul Dale Bush (1993) contesta essa ideia, afirmando que, apesar do instrumentalismo, a concepção metodológica de Dewey e Friedman se distinguem pela própria interpretação metodológica da ciência. A análise do primeiro é pragmata, enquanto do segundo é inspirada pelo positivismo metodológico.

questionada, uma vez que para o instrumentalista ela não estaria e/ou não deveria estar presente na ciência positiva. “O instrumentalismo não sendo cientificamente neutro, ou seja, ocorre a pergunta, a quem beneficia a utilidade das formulações instrumentalistas?” (CAVALCANTE, 2014).

Uma crítica ao instrumentalismo se resume ao uso pragmático dos modelos em benefício daqueles que argumentam que há neutralidade científica. Pois se essa não existe, os valores implícitos podem levar interesses pessoais e noções subjetivas. Nota-se que a crítica não é ter interesses, mas sim negá-los assumindo uma neutralidade fictícia. Contra essa noção, insere-se os debates da filosofia da ciência contemporânea. Como a epistemologia moderna ressalta que “qualquer fato científico é, intrinsecamente, uma construção intelectual e teórica: como tal, é uma construção historicamente determinada” (HERSCOVICI, 2002). A questão é que as correntes metodológicas alternativas que influenciam os procedimentos dos economistas estão se fortalecendo. Isso se deve muito às críticas nos últimos 50 anos em relação às posições lógico-positivistas e do método H-D. No próximo item discute-se alguns desses desenvolvimentos críticos.

2.4. CRÍTICAS METODOLÓGICAS AO POSITIVISMO CIENTÍFICO DE THOMAS KUHN, IMRE LAKATOS E PAUL FEYERABEND.

A evolução da filosofia da ciência tem sido contínua, principalmente a partir do século XX. Alguns dos autores criticaram as noções popperianas, “Popper não identifica significado cognitivo com cientificidade, mas sim cientificidade com falibilismo” (CAVALCANTE, 2007, p.74). Popper e seus seguidores argumentam a favor o caráter a-histórico e não sociológico das ideias popperianas.

Thomas Kuhn (1922-1996) contestou fortemente essa concepção na introdução do seu livro *Estrutura das Revoluções Científicas* ([1962]/2009) se faz a pergunta: Como poderia a história da ciência deixar de ser uma fonte de fenômenos, aos quais podemos exigir a aplicação das teorias sobre o conhecimento? (KHUN, [1962]/2009)

Seu livro em si já é uma resposta: a história da ciência importa. E entendê-la é um fator básico para as discussões da geração e aplicação do conhecimento acumulado. A ciência evolui a partir da comunidade científica que se organiza em torno de um ou mais paradigmas, que são os procedimentos metodológicos e a cosmovisão dos membros da comunidade. A ciência normal trabalha dentro do paradigma resolvendo problemas propostos e assumidos pela área de

estudo acumulando resoluções de problemas. Porém, a existência de anomalias dentro do paradigma, ou seja, problemas que não são resolvidos, levando o paradigma à crise ou pelo menos a soluções *ad hoc*. Quando a anomalia é muito intensa e a crise insustentável, pode ocorrer uma ruptura e o surgimento de um novo paradigma, que, por sua vez, se torna uma nova ciência normal. “Kuhn mostra que a História da Ciência não se explica valendo-se de uma lógica cumulativa, mas sim de uma lógica de ruptura” (HERSCOVICI, 2002).

Não há teleologia ou finalidade intrínseca à ciência, apenas um processo histórico não determinístico. Além da questão histórica, uma outra crítica ao falsificacionismo é a resistência dos cientistas a abandonar seu paradigma, mesmo este sendo falseado.

Outro pensador influente na filosofia da ciência é Imre Lakatos (1922-1974). A “epistemologia de Lakatos permite explicar a coexistência de vários paradigmas, o que corresponde ao caso da Ciência Econômica” (HERSCOVICI, 2015). Os programas de pesquisa científico (PPC) concorrem e podem estar em fase progressiva ou degenerativa, definidos pelo poder de previsão de fatos novos. Os PPCs possuem um núcleo duro (*hard core*). O núcleo é composto por uma ou mais hipóteses irrefutáveis, ele deve ser inflexível e infalsificável, que constituem uma heurística negativa, que cria uma rigidez no tratamento da hipótese irrefutável. Próximo ao núcleo há um cinturão protetor, composto por hipóteses auxiliares flexíveis que são usadas para ampliar as suposições e os poderes explicativos do cinturão protetor além de protegê-lo de anomalias, essa constitui a heurística positiva. (HERSCOVICI, 2015)

Apesar de criticar o falsificacionismo ingênuo de Popper, Lakatos não rompe totalmente com o falsificacionismo como critério de avaliação científico. Este último difere do primeiro quando “a lógica de avaliação é por ele empregada ao mesmo tempo como uma teoria histórica que pretende fazer retroagir o desenvolvimento da ciência” (BLAUG, [1980]/2016).

Por fim, Paul Feyerabend, autor do livro ([1975]/2011) é mais radical em sua crítica, pois para ele não existe um modelo universal a-histórico. Também não há regras universais e os pesquisadores violam regras nas suas contribuições científicas. Feyerabend não pretende demolir apenas a metodologia. “O principal alvo de suas farpas céticas é a influência repressiva da própria ciência e em particular a presunção do sistema científico oficial de que somente ele encontrou métodos corretos para descobrir a verdade” (BLAUG, [1980]/2016). Todas as regras metodológicas possuem limitações e as metodologias são tão diferentes que não é possível compará-las logicamente. Sendo assim, há problemas de incomensurabilidades, logo o problema de qual método aplicar fica a critério subjetivo do pesquisador, talvez essa noção

converse com a de Herscovici (2023) sobre a incomensurabilidade dos paradigmas na Ciência Econômica.

O conhecimento social não se restringe à ciência. Embora os dados científicos tenham proeminência, outras formas de discussões sociais como a literatura, por exemplo, são valiosas para a evolução da epistemologia. Sendo assim, não há motivo para o pesquisador se ater a regras metodológicas dogmáticas se elas não são nem superiores, nem universais. Portanto Feyerabend ([1975]/2011, p.34)⁷ se pergunta e responde negativamente a questão, :

É possível, assim, criar uma tradição que mantida coesa por regras estritas e, até certo ponto, que também é bem-sucedida. Mas será que é desejável dar apoio a tal tradição a ponto de excluir tudo o mais? Devemos ceder-lhe os direitos exclusivos de negociar o conhecimento, de modo que qualquer resultado obtido por outros métodos seja imediatamente rejeitado? E será que os cientistas invariavelmente permaneceram nos limites das tradições que definiram dessa maneira estreita? São essas as perguntas que pretendo fazer neste ensaio [no livro *Contra o Método*]. E minha resposta, a essas perguntas, será um sonoro “NÃO”?

Essa noção leva, no mínimo, a uma reflexão autocrítica no âmbito desse trabalho, por quê seria o método evolucionário, instrumentalista ou falsificacionista um meio para restringir os estudos dos pesquisadores? Afinal, o ideal seria que cada pesquisador possuía liberdade para escolher por onde quer transitar, mesmo que seja por caminhos criativos que podem ir além do escopo da Ciência Econômica. O problema não é usar um método ou outro, é restringir dogmaticamente o dos outros pesquisadores. O conhecimento vai além da ciência e forçar dogmaticamente a eliminar arbitrariamente alternativas metodológicas pode ser um equívoco. Pelo menos é isso que Feyerabend parece querer nos fazer refletir. “O importante, é treinar os economistas para conviver proveitosamente com opiniões divergentes. O importante é estimulá-los a enxergar a controvérsia como inerente à ciência, um fator de (e não um empecilho a) seu progresso.” (BIANCHI, 1992).

Portanto, a reflexão leva a repensar a rigidez na imposição de métodos na pesquisa econômica. Em vez de restringir os pesquisadores, é crucial promover um ambiente que celebre a diversidade de abordagens. Feyerabend destaca a importância de encarar a controvérsia como inerente à ciência, impulsionando sua evolução. A capacitação dos economistas para conviver com opiniões divergentes é essencial, reconhecendo que a verdadeira inovação muitas vezes surge da multiplicidade de perspectivas.

⁷ O escopo da epistemologia da ciência vai muito além dos autores citados, Bashkar e posteriormente Lawson também participam do debate. O tema será retomado no capítulo 4.

2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo se dedicou a destacar as distinções entre as correntes metodológicas evolucionárias, falsificacionistas e instrumentalistas, ressaltando como a escolha entre essas abordagens influencia as práticas dos pesquisadores. É importante notar que diferentes Escolas Econômicas podem aderir a procedimentos evolucionários, falsificacionistas ou instrumentalistas, e, muitas vezes, coexistem em uma interseção complexa. Nesse sentido, a história e a filosofia da ciência não seguem uma trajetória linear, e há teorias que competem, se sobrepõem ou colaboram, refletindo um processo histórico e sociológico subjacente à adoção de paradigmas ou Programas de Pesquisa Científica⁸. A escolha e crença do pesquisador desempenham um papel significativo, estimulando avanços em direção a determinadas áreas do conhecimento, por vezes adotando uma metodologia específica, ou, em outros casos, abraçando uma atitude mais pluralista ou até mesmo "anarquista" metodológica.

No contexto dos objetivos deste capítulo em relação ao objetivo geral, a análise da história da ciência proporcionou uma base sólida para compreender as implicações das diferentes correntes filosóficas no desenvolvimento do pensamento científico. Este conhecimento prévio é essencial para explorar com mais profundidade um caso específico na história e filosofia da ciência: o surgimento da Economia Institucional Original, cujas raízes estão intrinsecamente ligadas a essas discussões metodológicas. Portanto, este capítulo estabeleceu as bases para uma investigação mais detalhada dos elementos que desempenharam um papel fundamental na formação da Economia Institucional Original de Veblen, evidenciando sua relevância no contexto mais amplo da evolução das correntes filosóficas e científicas.

⁸ Inclusive, esse assunto é tratado no livro “Value, Historicity and Economic Epistemology” de Herscovici (2023). O tema será retomado no capítulo 4 desta dissertação.

“Na solidão de indivíduo, desaprendi a linguagem com que homens se comunicam”

(Carlos Drummond de Andrade, poema Mundo Grande)

CAPÍTULO 3 – EVOLUÇÃO EPISTEMOLÓGICA EM VEBLEN E SUA INFLUÊNCIA SOBRE WALTON HAMILTON, JOHN COMMONS E WESLEY MITCHELL

3.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Thorstein B. Veblen (1857-1929) é considerado o precursor da Economia Institucional Original (OIE). O objetivo deste capítulo é analisar alguns de seus artigos, com foco em suas concepções teóricas e metodológicas, bem como na influência que estes trabalhos exerceram sobre alguns dos primeiros autores institucionalistas. No plano geral da dissertação, o objetivo é abordar as concepções fundamentais do institucionalismo para posteriormente, no capítulo 4, relacionar às propostas metodológicas contemporâneas no campo da ciência econômica. Para tanto, na primeira seção após esta introdução, apresenta-se de forma sucinta elementos biográficos do autor. Em seguida, analisa-se obras selecionadas que, acredita-se, apresentam conceitos e noções basilares que fundamentam o desenvolvimento metodológico desta Escola. São eles:

Kant e a Crítica do Juízo ([1884]/2021);

Por que a Economia não é uma ciência evolucionária? ([1898a]/2017); *O Instinto Para o Artesanato e a Aversão ao Trabalho em Geral* ([1898b]/2007); *The Preconceptions of Economic Science* ([1899b] Part I, II([1899c] /2011) and III (1900)).

Escolheu-se tais obras pois acredita-se que através delas pode-se discutir as influências veblenianas e também as formulações críticas do autor em relação às concepções metodológicas de outras Escolas.

A quarta seção, abordará alguns autores influenciados pelo pensamento vebleniano. Esses são: Walton Hale Hamilton (1881-1958), John Roger Commons (1862-1945) e Wesley Clair Mitchell (1874-1948). A contribuição desses 3 autores também será discutida, pois entende-se que a partir delas ocorreram não apenas uma estruturação dos métodos da Escola, como também a ampliação da sua área de pesquisa (contudo o foco sempre será com base na contribuição

metodológica vebleniana que delinea o escopo interdisciplinar da EIO)⁹. Por fim, conclui-se o capítulo com considerações finais, onde procura-se refletir sobre a importância da obra vebleniana e dos precursores da EIO para as concepções metodológicas que não foram importantes apenas no seu tempo, como também permanecem pertinentes e podem sugerir contribuições para estudos contemporâneos na ciência econômica.

3.2.1. KANT E A CRÍTICA DO JUÍZO ([1884]/2021)

Thorstein Veblen possuía uma sólida formação filosófica e clássica. Como referido na seção anterior, ele estudou filosofia na pós graduação na Universidade de John Hopkins e na Universidade Yale, onde veio a doutorar-se em 1884. Em ambas universidades estudou as obras de Kant, um dos filósofos mais influentes da história e utilizado em suas pesquisas de pós-graduação. Em Hopkins conheceu George Morris, e em Yale seu orientador Noah Porter, ambos estudiosos de Kant.

Kant desempenhou um papel fundamental na formação da teoria do conhecimento ao reconciliar duas doutrinas anteriormente opostas. Ele unificou o racionalismo, defendido por Descartes, que considerava a razão como a fonte primária do conhecimento, com o empirismo, defendido por John Locke e Hume, que enfatizava a experiência sensível ou empírica como a principal fonte de conhecimento. Kant argumentou que o conhecimento resulta da interação entre a razão e a experiência, contribuindo para uma compreensão mais completa da natureza do conhecimento humano.

Da união das doutrinas opostas do racionalismo e do empirismo, Kant desenvolveu o criticismo kantiano, uma abordagem que envolve uma crítica da própria razão. Ele empregou métodos empíricos, racionais e lógicos para fundamentar a formação do conhecimento. Essa perspectiva é a base da epistemologia kantiana e é elaborada de modo mais detalhado em suas obras fundamentais, como a "Crítica da Razão Pura" (1781), a "Crítica da Razão Prática" (1786) e a "Crítica da Faculdade de Julgar" (1790). Segundo Hodgson e Camic, 2010 (HODGSON, CAMIC, 2011, p.43):

The fact that Morris's book (1882) analyzed Kant's Critique of Pure Reason, while Porter's book (1886) dealt with Kant's Critique of Practical Reason (1788), perhaps drew Veblen – who, at the time, aspired to a faculty position in a department of

⁹ Sabe-se a sistematização da metodologia da Economia Institucional Original foi realizada por Walton H. Hamilton em artigo publicado em 1919 cujo nome é A abordagem institucional para a teoria econômica, publicado no American Economic Review. Contudo, entende-se que Thorstein Veblen já se adequava às características da Economia Institucional listadas por Hamilton, apenas não as sistematizou de modo a enquadrá-la em uma Escola Econômica.

philosophy – to undertake an article on Kant’s lesserknown third critique, the as-yet-untranslated Critique of Judgment (1790).

E de fato, o artigo foi escrito com a concepção comparativa entre as 3 obras kantianas, porém argumenta que a última seria a conclusiva. Nas palavras de Veblen ([1884]/2021, p. 320):

A Crítica do Juízo, no panorama filosófico kantiano, aparece como um meio-termo às considerações da Crítica da Razão Pura e Crítica da Razão Prática. Um sentimento de incompatibilidade entre as primeiras críticas levou Kant à elaboração da terceira, e a Doutrina do Método ao final da obra é principalmente um esboço da maneira como ele concebeu que os resultados da Crítica do Juízo seriam úteis no sistema filosófico ao qual ele considerava todas as suas críticas como preliminares.

A *Crítica do Juízo* faria intermediação entre o determinismo relatado na *Crítica da Razão Pura* e as ações livres do *Crítica da Razão Prática*. O ser humano deve ser capaz de exercer alguma casualidade sobre o ambiente no qual está inserido, embora seja justamente o ambiente que fornece a ele possibilidades de experiências sensíveis. Além disso, deve ter um propósito ao realizar as suas próprias ações. Desse modo, o processo indutivo é indispensável, afinal o poder de julgamento ou de raciocínio deve mediar entre o conhecimento teórico e a ação moral; e o tipo de julgamento necessário é o raciocínio indutivo, a capacidade de julgar é, em geral, o poder de pensar o particular sob o universal (VEBLEN, [1884]/2021).

O texto sobre Kant é significativo para a metodologia futura desenvolvida no final do século XIX por Veblen, porque evidencia qual será a sua interpretação ontológica. Ou seja, como a capacidade humana de julgar é parte fundamental do desenvolvimento social e econômico.

Observa-se a complexidade da formação dos juízos, apesar de serem algo de caráter subjetivo, também estão inseridos em um ambiente onde se realizam experiências sensíveis (ou seja, empíricas). Os processos cognitivos e de aprendizado estão relacionados com a capacidade indutiva e a formação de juízos, sobretudo o juízo reflexivo.

A função do juízo reflexivo é encontrar unidade na multiplicidade ou dar unidade à multiplicidade. “Sua ação não é apenas sintética, mas é fazer uma síntese que vá além e abarque mais do que o que é dado na simples experiência” (VEBLEN, [1884]/2021). Veblen se refere muito a esse juízo, pois ele que faz a mediação entre a experiência sensível e o processo de racionalização ou entendimento. Segundo Veblen ([1884]/2021, p.321-22):

No esquema tricotômico de Kant das faculdades e capacidades do intelecto, a capacidade de Julgamento está no meio, entre o Entendimento e a Razão, assim como as faculdades de prazer e dor estão fornecendo uma mediação entre as faculdades da cognição e do desejo. O Entendimento está correlacionado a cognição e é legislativo a priori para o conhecimento empírico; a Razão pura tem a ver com o desejo e é a priori legislativa para a ação; por analogia, deveríamos ser capazes de dizer, pelo menos provisoriamente, que a faculdade de Julgar tem a ver com a capacidade de

prazer e desconforto, e que também legisla a priori sobre o adequado ou subserviente, o proporcional, apropriado ou adaptado

A leitura vebleniana da obra de Kant remete à sua própria interpretação de ser humano, mais especificamente, pode-se perceber que ele não concorda com a visão de *homo economicus* adotada por exemplo por John Stuart Mill. Nesse ponto, o ser humano vebleniano é cercado por experiências que internaliza em um processo cognitivo e estético. A partir disso, reflete sobre suas ações, procurando encontrar unidade na multiplicidade e ir além da própria experiência. A partir dos juízos formados pelo ser humano, há uma orientação para sua ação, ou seja, o comportamento apreendido e orientado pelas experiências passadas são bases para guiar as decisões propositadas e refletidas.

O argumento central é que a formação filosófica de Veblen foi fundamental para originar uma interpretação do ser humano muito mais desenvolvida que as doutrinas utilitaristas ou marginalistas. A ontologia sofisticada pode ser revisitada nos dias de hoje, como demonstrado por Lawson (2021). É importante reconhecer que as influências filosóficas em Veblen vão além de Kant, é possível que os pragmatistas sejam ainda mais relevantes do que o filósofo prussiano. Porém, o argumento é dirigido ao aspecto da formação acadêmica do jovem Veblen, na qual, foi bem relevante em discussões kantianas. Além disso, entende-se como esse foi um dos pontos de partida para desenvolvimentos posteriores e o fato de Veblen ter escrito o artigo em uma franca defesa de Kant revela, no mínimo, uma tentativa de conciliação entre as ideias do filósofo e as próprias.

3.2.1.2. Influência da filosofia pragmatista sobre Thorstein veblen

Além de Kant, existe uma influência relevante da filosofia pragmatista na obra de Veblen. Tal influência é explorada em dois artigos. O primeiro é o importante *The Philosophical Bases of Institutional Economics* (Mirowski, 1987), publicado no *Journal Economic Issues*; o segundo é o texto recente *Appropriation, Beliefs, and Inculcation: Some other connections between American Pragmatism and Veblen's Conspicuous Consumer* (ALMEIDA; LUZ, 2023), publicado no *Brazilian Journal of Political Economy*¹⁰.

¹⁰ O tema da influência do pragmatismo americano sobre a Ciência Econômica é contemporâneo. Já existem discussões introdutórias sobre o assunto em Pragmatismo e Economia (GALA, FERNANDES e REGO, 2006) e em Linguagem, Procedimentos e Pragmatismo na Tradição Neoclássica (LISBOA, 2001). Porém, o ponto mais promissor é relacionar o Pragmatismo e Neo-pragmatismo com as discussões epistemológicas e de historicidade de Herscovici (2019, 2023).

O texto de Mirowski (1987) apresenta a perspectiva filosófica do pragmatismo em Charles Sanders Peirce (1839-1914) e John Dewey (1859-1952). Na sequência, relaciona com a Thorstein Veblen e John Roger Commons. De fato, “*Veblen's conception of science and economic rationality owes more to Dewey and James than to Peirce, and that many of his initial ideas grew out of a struggle with kantian antinomies*” (MIROWSKI, 1987).

O pragmatismo e neopragmatismo (RORTY, [1979]/1994) se contrapõem a uma tradição filosófica cartesiana que tem um forte vínculo com as concepções de ciência da economia neoclássica. A separação mente/corpo (contestada pelos pragmatistas) é fundamental para basear a racionalidade mecânica e otimizadora de indivíduos independentes do mundo, que é interpretado de maneira perfeita, passível de formalização matemática em procedimentos axiomáticos e dedutivos. Inclusive, em uma tradição cartesiana os procedimentos são separados em indutivos e dedutivos. Peirce se distancia do cartesianismo e do kantismo ao introduzir a abdução, um método que permite aos pensadores gerar novas hipóteses a partir de teoria e empirismo existentes para aprimorar a capacidade explicativa da ciência. Isso contrasta com a indução, que generaliza observações, e com a dedução, que é a mera consequência lógica de hipóteses axiomáticas. Mirowski (1987, p. 1012) ressalta:

Of the three modalities modalities of method, it is abduction that explicitly assumes a hermeneutic demeanor because it is the method responsible for creativity, interpretation, and innovation, which are historical processes made manifest in language and social behavior, subject to the self discipline of a normative logic. This is why “*the question of pragmatism... is nothing less than the question of the logic of abduction*” [PEIRCE 1934, p. 121].

Nota-se como o procedimento abduutivo traz a possibilidade de estudo hermenêutico, linguístico (semiótico¹¹) e histórico. Desta forma, amplia-se o escopo filosófico que permite estruturar o conhecimento com bases não universalistas, o que se contrapõe ao universalismo iluminista, inclusive kantiano. A concepção hermenêutica é outro ponto importante do argumento de Peirce, pois ao estudar as interpretações possíveis de um texto, doutrina ou fenômeno, deve-se ir além do aspecto formal, mas também compreender o contexto, no qual o texto foi produzido. Sendo assim, é necessário compreender a formação social no qual o texto analisado é produzido. Nas palavras de Mirowski (1987, p.1010):

Hermeneutics is the theory of the process of interpretation, be it of a text, a doctrine, or a phenomenon, by a self-identified Community of inquiry. Indeed, all coherent philosophies must possess some such theory of interpretation, be it explicit or implicit; however, this theory concentrates explicitly upon the role of shared tradition

¹¹ Semiótica é o estudo teórico dos signos linguísticos e do significado da sua interpretação.

as the locus of continuity and quality control in the interpretative process; it therefore follows that the discipline of history is an indispensable accessory of hermeneutics.

Percebe-se como o deslocamento de uma perspectiva filosófica universalista para uma histórica, hermenêutica e não teleológica ou determinista foi fundamental para o desenvolvimento da proposta evolucionária de Veblen e sua visão do comportamento do consumidor culturalmente fundamentada (ALMEIDA, LUZ, 2023). Portanto, a base filosófica de Peirce contribuiu para a formação da EIO. Contudo “*however, neither Veblen nor Dewey shared Peirce’s “evolutionary metaphysics,” which he developed at the beginning of the 20th century.*” (ALMEIDA, LUZ, 2023).

Os dois alunos mais famosos de Pierce, apesar de serem evidentemente influenciados pelo mestre, expressaram seu combate às noções metafísicas e compreendem o comportamento humano não apenas como modificadora do ambiente, mas a todo momento sendo formada e modificada por ele. A ligação entre instintos, hábitos e instituições é a característica central da perspectiva institucionalista e pragmatista sobre o comportamento humano (ALMEIDA, LUZ, 2023). Nessa perspectiva, há um ser humano complexo com formação ampla. “É uma espécie de humanismo que leva em conta aspectos ontológicos abertos” (DOW, 2022).

Entende-se como o Institucionalismo Original está fundamentado em concepções pragmatistas, portanto concorda-se com Almeida e Luz (2023, p.142):

We understand that pragmatist philosophy offers a rich theoretical and methodological reference to the researcher concerned with the nature and role of institutions and institutional dynamics. Pragmatism is historically and philosophically connected to Original Institutionalism, especially when used as a reference to the pioneer ideas of Thorstein Veblen..

Constata-se que os conceitos se relacionam, além dos aspectos amplos de abdução, hermenêutica em Pierce, que sem dúvida são importantes, há outros relacionados por Almeida e Luz (2023):

*Crenças e dúvidas*¹² (em Charles Sanders Pierce);

*Apropriação e plasticidade*¹³ (em William James);

*Socialização e inculcação de hábitos*¹⁴ (em John Dewey).

¹² Ver *The Fixation of Belief* (Pierce, 1877) e *How to Make Our Ideas Clear* (Pierce, 1878)

¹³ Ver *Princípios de Psicologia* (James, [1890]/1974)

¹⁴ Ver *Experiência e Natureza* (Dewey, 1974[1925]) e *How We Think* (1910)

Tais conceitos influenciaram Veblen. As crenças e dúvidas se relacionam ao ser humano como aspecto psicológico que fundamentam tomadas de decisão¹⁵, sendo o futuro incerto e incalculável Veblen, as crenças auxiliam nas relações comportamentais. Entre as crenças e as dúvidas, o ser humano se forma, aprende e desenvolve sua própria personalidade, assim como assume hábitos que podem levar até o fim da vida ou modificá-los conforme os estímulos ambientais. Em suma, as crenças e dúvidas são subjetivas, porém, ao longo do processo histórico da sociedade, ocorre o fenômeno de sua socialização. Isso que permite relacionar o conceito à evolução e à reprodução social.

Uma psicologia sofisticada surge das possibilidades de apropriação e plasticidade. É por meio da apropriação que se internaliza o ambiente social. Essa relação é verdadeiramente uma interação de aprendizado e formação humana. E a partir daquilo que já está internalizado, a plasticidade é a capacidade humana de mudança e expansão do conhecimento via experiências empíricas. “O pensamento empírico do homem depende de coisas que experienciou, mas o que estas serão é, em grande medida, determinado pelos hábitos de atenção do homem” (JAMES, [1890]/1974).

Sendo assim, a plasticidade está relacionada com o processo de mudança comportamental a partir de novas apropriações e questionamentos das crenças antigas. Quando essa mudança é social, podemos concluir que os hábitos de pensamento e as instituições mudam também. Ou seja, há um processo evolucionário social em curso.

Por fim, a inculcação se relaciona à uma certa durabilidade dos hábitos de pensamento socializados. Assim, “inculcar” significa institucionalizar certos tipos de comportamentos ao longo do tempo. Pode ser, por exemplo, o comportamento de uma classe ociosa, de homens de negócios, etc. A satisfação humana é institucionalmente estabelecida e inculcada na tomada de decisões dos consumidores através de hábitos. Por emulação, “is institutionally established and inculcated in consumers’ decision-making through habits. By emulation, consumers learn which goods should be included in their decision-making and how to acquire them” (ALMEIDA, LUZ, 2023). Os bens e as coisas acabam se tornando instrumentos cerimoniais e instrumentais (DEWEY, [1925]/1974).

De qualquer forma, na presente Dissertação, o importante é compreender como os conceitos pragmatistas servem para expandir a conceitualmente o ideário vebleniano e

¹⁵ Se há a crença que a taxa de juros cairá, o que o indivíduo fará? E se crê que a taxa de juros subira? E se acontece uma pandemia global, como impacta a ação humana a partir das dúvidas? E quando se socializa as dúvidas, há espaço para comportamentos de manada francamente irracionais? O pensamento de Keynes também pode ser vinculado ao pragmatismo peirciano?

fundamenta a EIO. Mirowski (1987, p. 1019-20) elenca 7 itens que sustentam a aproximação com o pragmatismo e afasta das concepções científicas neoclássicas:

- a) A economia é prioritariamente um processo de aprendizado negociação e coordenação;
- b) Os atores econômicos são definidos por seus hábitos, costumes e “instintos” e estão envolvidos em relações físicas ou materiais que se desenvolvem e se afetam uma à outra;
- c) Não há apenas uma lógica de escolha;
- d) Não existe regras inatas de racionalidade de comportamento econômico, a única medida para validar o comportamento reside nas particularidades de cada comunidade econômica;
- e) O teórico social deve levar em conta a hermenêutica e ou a sociologia do conhecimento para lidar com a tese de mudança antropomórfica e a incomensurabilidade de cada comunidade;
- f) Não há neutralidade nas observações, os economistas devem ter consciência do viés. A economia baseia-se em uma semiótica das relações econômicas e serve para explicar como os atores econômicos explicam os significados das transações;
- g) A EIO tergiversa em relação a defesa do *status quo* e de um princípio de racionalidade único.

Os itens não esgotam as possibilidades de aproximação entre EIO e pragmatismo, nem da crítica à economia neoclássica. Porém indicam convergências. Servem para descrever como as bases filosóficas institucionalistas são complexas e englobam uma discussão contemporânea no campo econômico e nas ciências sociais como um todo.

3.2.2. POR QUE A ECONOMIA NÃO É UMA CIÊNCIA EVOLUCIONÁRIA? ([1898]/2017)

Veblen foi um pioneiro na adaptação da metodologia evolucionária à economia. Seu artigo "Por que a Economia Não É uma Ciência Evolucionária?", publicado no *Quarterly Journal of Economics*, já abordava essa questão. Contrariando o que o título pode sugerir, Veblen argumenta que os fatores evolucionários devem ser considerados, adaptando a visão econômica para incorporar as influências das instituições e dos indivíduos. É importante notar que Veblen adotou uma posição pós-darwiniana, destacando o caráter de "processo de causação", um elemento comum na concepção evolucionária (CONCEIÇÃO, 2009).

Ao mesmo tempo em que propõe sua metodologia, Veblen também critica várias outras escolas econômicas. Segundo Cavalcante (2007, p.51):

Nesse artigo seminal, Veblen critica a economia ortodoxa com base no argumento de que esta não é uma ciência evolucionária. A natureza dessa crítica é ilustrativa da disposição de Veblen no sentido de construir um programa de pesquisa alternativo, em contraste com a Nova Economia Institucional que se insere explicitamente na agenda de pesquisa da economia neoclássica

Portanto, as considerações a se fazer em relação a esse texto está em 2 pontos: primeiro a crítica da insuficiência das teorias não evolucionárias de tratar o problema econômico; e segundo a proposta de Veblen de como deve ser uma economia evolucionária.

No que se refere à crítica às abordagens não evolucionárias, Veblen cita diversos economistas de tradições diferentes. Há referências a Alfred Marshall (1842-1924), John Stuart Mill (1806-1873) e a John Elliott Cairnes (1823-1875)¹⁶, assim como à Escola Histórica Alemã e à Escola Austríaca representada por Carl Menger. É preciso separar cada uma das críticas, pois cada um é criticado por razões diversas, embora, se assemelhem no fato de não ser uma Ciência Evolucionária.

A modernidade científica está vinculada ao método evolucionário. Os cientistas “modernos” reclamam pela economia estar impregnada de termos implícitos ou explícitos em doutrinas do direito natural, utilitarismo e capacidade administrativa (VEBLEN, [1898]/2017). Segundo Veblen, Marshall reconhece como a economia não está atualizada, e havia um incômodo geral com a perspectiva de falta de capacidade de desenvolver a teoria de acordo com termos modernos. Na sua visão, não é o realismo dos dados que fará da ciência econômica uma ciência moderna. Mesmo que haja um levantamento exemplar de dados histórico-empíricos como faz a Escola Histórica Alemã¹⁷, dados sem uma teoria adequada que leve em conta o processo cumulativo e desenvolvimento dentro do processo cultural, tal abordagem torna-se inócua e não deve ser classificada como ciência.

Por outro lado, os estudos de John Stuart Mill (1806-1873), John Elliott Cairnes (1823-1875), Arthur Twining Hadley (1856-1930) e outros economistas da tradição de língua inglesa tampouco podem se considerar autores evolucionários, por mais que tenho uma teoria do processo falta a eles, assim como a Escola histórica, levar em conta os hábitos de pensamento

¹⁶ É preciso tomar cuidado ao referir-se a John Elliott Cairnes como neoclássico, embora ele seja, sem dúvidas um expoente daquilo que Veblen chama de Economia Taxionômica. O termo neoclássico foi usado por Veblen posteriormente, em 1900, na parte III de *The Preconception of Economic Science*.

¹⁷ “Nenhuma Economia está mais longe de ser uma ciência evolucionária do que aquela da Escola Histórica Alemã” (VEBLEN, [1898]/2017, p.33)

evolucionistas (VEBLEN, [1898]/2017). No processo econômico, é evidente o uso de dados para descrição, mas o elemento crucial na (EIO) são os hábitos socialmente compartilhados que moldam as relações sociais. Economistas institucionais na tradição vebleniana e filósofos pragmatistas originais e modernos argumentam que instituições só funcionam porque as regras envolvidas estão enraizadas nos hábitos compartilhados de pensamento e ação¹⁸ (HODGSON, [2006]/2017).

Os economistas não evolucionários clássicos frequentemente carecem de uma compreensão da causalidade cumulativa. Sua concepção de verdade não se baseia em processos cumulativos que se desdobram no contexto histórico e cultural. Em vez disso, “eles tendem a adotar uma perspectiva fundamentada em leis naturais, estados de normalidade, princípios subjacentes e formulações em termos de verdade absoluta e universal” (VEBLEN, [1898]/2017).¹⁹

Exemplos são abundantes na economia clássica como a caracterização do dinheiro e das trocas em Adam Smith (1723-1790) (HERSCOVICI, 2014). “O dinheiro aqui é discutido em termos do fim para o qual, “no caso normal”, ele deveria funcionar de acordo com determinado ideal de vida econômica proposto pelo autor, em vez de em termos de relação causal” (VEBLEN, [1898]/2017). Essas formulações em termos de normalidade e estados naturais impedem a atualização da própria ciência econômica, em Veblen, ([1898]/2017, p.39) :

É precisamente neste uso de termos figurativos para a formulação da teoria que a normalidade clássica ainda vive atenuada vida em Economia moderna, e é esse recurso condescendente de insondáveis figuras de linguagem usados na terminologia teórica definitiva que tem evitado que os economistas sejam levados ao ponto da ciência moderna [uma ciência evolucionária]

O limite da teoria econômica não evolucionista está presente, sobretudo, na obra de John Elliott Cairnes. Veblen o classifica como um trabalho taxonômico. Ou seja, afirma que o autor faz um grande esforço de classificação, que é útil e louvável, porém insuficiente para desenvolver uma teoria evolucionária. A metafísica da normalidade foi atenuada até ficar “palidamente” próxima do conceito naturalista de lei natural (Veblen, 1898/2017). E sua

¹⁸ John Dewey em livro *Human Nature and Conduct* (1922) define hábito como uma predisposição adquirida para formas ou modos de responder.

¹⁹ Críticas semelhantes e atualizadas podem ser encontradas em Herscovici (2020)

ordenação, por mais que trabalhe com termos de processo, não chega ao ponto de abarcar a complexidade do processo social. Se torna uma sombria ciência naturalista e determinista²⁰.

Fica claro como se abordar o processo econômico é necessário, mas não suficiente para se caracterizar uma economia evolucionária. “O grupo austríaco deu início a uma teoria do processo, mas chegou a um ponto final porque o processo sobre o qual se ocupavam não era, em seu entendimento, uma sequência cumulativa ou em desdobramento.” (VEBLEN, [1898]/2017). Além disso, os austríacos²¹ representados por Carl Menger tem uma concepção falha da natureza humana, muito reconhecida na famosa citação em Veblen ([1898]/2017, p. 45):

A concepção hedonista do homem é o de uma calculadora relâmpago de prazer e dor, que oscila como um glóbulo homogêneo de desejo por felicidade sob o impulso de estímulos que o deslocam, mas o deixam intacto. Ele não tem antecedente, nem precedente. Ele é um dado isolado, definitivo, em equilíbrio estável, exceto pelos golpes das forças atuantes que o desloca em uma direção ou outra. Auto equilibrado no espaço elementar, ele gira simetricamente em torno de seu próprio eixo espiritual até que o paralelogramo de forças cai sobre ele, quando então ele segue a linha resultante. Quando a força do impacto é gasta, ele descansa – um glóbulo autossuficiente de desejo como antes. Espiritualmente, o homem hedonista não tem força motriz. Ele não é o centro de um processo de vida, exceto no sentido de que ele está sujeito a uma série de permutas impostas sobre ele por circunstâncias externas a ele.

É notável como a concepção hedonista se diferencia de um ser humano discutido por filósofos, sejam eles kantianos ou pragmatistas. Não é surpreendente que Veblen considerasse o indivíduo hedonista como um conceito frágil que não se sustenta para realização de uma boa teoria econômica. O esforço conceitual é justamente explorar a natureza humana de forma mais profunda possível, para ser base do fator vivo que sustenta todo processo de evolução econômica, institucional e cultural.

Portanto, as críticas às teorias não evolucionárias surgem de diferentes modos. Seja a crítica à Escola Histórica Alemã, à Escola Austríaca, ou aos economistas de língua inglesa, sobretudo Cairnes. Contudo, o interesse é, na realidade, propor a modernização da Economia adotando o método evolucionário. Essa se caracteriza por uma teoria de processo, uma sequência em

²⁰ Joan Robinson se refere ao keynesianismo do modelo IS-LM de John Hicks como modelo hidráulico, talvez também seja uma boa imagem para se referir à economia taxionômica.

²¹ Reconhece-se que a teoria econômica da Escola Austríaca evoluiu muito desde os tempos de Veblen, porém a crítica ontológica ainda é muito pertinente ao formalismo do individualismo metodológico ensinado em muitos centros econômicos.

desdobramento, mas não apenas isso, tem de levar em conta os hábitos de pensamento socialmente compartilhados em um ambiente de evolução institucional e cultural.

Contra-pondo-se à natureza humana hedonista o ser humano faz parte de um corpo social onde as relações materiais são um fator que determinam a evolução do fator humano. O ser humano tem história e seus hábitos de vida trazidos do passado são fundamentos do seu comportamento social. “Toda mudança econômica é uma mudança na comunidade econômica. A mudança é sempre, em última instância, uma mudança nos hábitos de pensamento” (Veblen, 1898/2017). Deste modo Veblen ([1898]/2017, p.48-9):

Uma Economia evolucionária deve ser a teoria de um processo de crescimento cultural determinado pelo interesse econômico; uma teoria de uma sequência cumulativa de instituições econômicas em termos do próprio processo...O objetivo de tal Economia é, necessariamente, traçar o resultado cumulativo do interesse econômico na sequência cultural. Deve ser uma teoria do processo de vida econômica da raça ou da comunidade.

Nesse sentido, a força motriz das mudanças econômicas está vinculada aos hábitos e propensões que se socializam em uma estrutura de comportamento social. Dessa forma, cria-se modos de organização, os quais precisam levar em conta todo complexo de interações evolucionárias transformadoras nas sociedades humanas. Como diz Argyrous e Sethi (1996, p. 490):

We have noted above that Veblen saw cumulative causation as involving the evolution of society. Ironically, one of the elements of this cultural evolution is the theory which seeks to explain the process. This is why Veblen not only distinguished between the teleological and evolutionary approaches to science, but also saw the as more advanced than the former.

É de se supor que diferentes sociedades têm especificidades nas suas formas de organização. Portanto, é preciso estudar o ambiente institucional de cada sociedade para poder traçar as características das transformações da estrutura econômica. O que Veblen fez foi tomar a noção do darwinismo social e transforma-la em um processo de mudança social não teleológico e não etnocêntrico (MAYHEW, [1987]/2017). Consequentemente se encontra um rico escopo econômicos como indica Hamilton (1958, p.14):

The result was the discovery that the national economy was not a simple matter with a uniform appearance but rather a conglomerate of distinct, not very well-organized industries. The drama and complexity of the patterns - patterns created from conveniences - had been conceived to satisfy passing circumstances and presented a rich and colorful economy that, although constantly changing, was still established.

Assim, os elementos históricos relativos à cada sociedade, unidos ao processo de desdobramento institucional e cultural em suas características antropológicas, sociológicas, políticas, jurídicas e psicológicas são características da EIO. Considerar os hábitos de pensamento como o cerne da evolução econômica, que se desenvolve em um processo histórico e cultural cumulativo, abre caminho para a exploração de aspectos interdisciplinares na ciência econômica. Isso contrasta com a abordagem isolacionista típica da escola neoclássica e da ortodoxia em geral. Além disso, pode permitir interações com outras escolas heterodoxas, embora a aproximação deva ser feita com máximo de rigor possível²².

Em síntese, o artigo analisado fundamenta não apenas a teoria evolucionária da EIO, mas também sua complexidade interdisciplinar. Porque a natureza humana complexa e socializada permite diálogos com outros campos do conhecimento. Certamente, a atualidade dos textos veblenianos se baseia em conseguir se comunicar com outras áreas do conhecimento, que não seja a Economia.

3.2.3. O INSTINTO PARA O ARTESANATO E A AVERSÃO AO TRABALHO EM GERAL ([1898b]/2007)

A teoria dos instintos de Veblen traz um elemento muito importante da natureza humana e mostra como a condição humana pode ser um dado importante para a conceituação que se relaciona posteriormente com o desenvolvimento social e as instituições. Aqueles comportamentos derivados dos reflexos, e mesmo as atitudes não deliberadas dos animais, não seriam instintos (CAVALIERI, 2009). Portanto, a fome, a sede e os impulsos em geral não seriam instintos no sentido vebleniano.

Para Veblen, todos os seres humanos tinham, como em qualquer espécie animal, certas características, motivos, propensões e potencialidades comuns geneticamente herdadas, independente da cultura ou da época histórica em que vivesse (HUNT, 2021). Os instintos existem nos seres humanos em todas as épocas, porém as relações materiais e sociais diferentes em cada sociedade leva a reações a estímulos diferentes que a partir do comportamento social se transforma em hábito e aos poucos em instituições consolidadas pela tradição.

²² No Brasil, a Economia Institucional Original tem buscado interação com outras escolas, segundo Brites e Almeida (2023), há por exemplo, Octávio Conceição, Alexandre Salles e David Dequech que se aproximam do pós-keynesianismo.

Porém, percebe-se que a incorporação dos instintos na teoria institucionalista ocorre a partir do esforço para fugir do determinismo social, ou seja, evitar utilizar uma concepção de indivíduo perfeitamente maleável pelas circunstâncias do ambiente. No geral, “para Veblen, havia um limite para o condicionamento do indivíduo pela sociedade, e isto teria relação com os instintos” (FREITAS, 2020).

Em setembro de 1898, no *American Journal of Sociology*, foi publicado o artigo que explora seu conceito de instinto. “Veblen discusses in the Darwinian language that he begins to use more liberally from this point onward in his career” (HODGSON; CAMIC, 2011).

O artigo inicia contestando um lugar comum na teoria econômica, o trabalho gerador de desutilidade marginal. Facilmente, usando argumentos antropológicos, Veblen nega o princípio da desutilidade e sustenta os instintos como estímulos ao trabalho. Contudo não nega que o ser humano moderno possui uma certa aversão a certos tipos de trabalho. Essa característica é socialmente construída. O texto como um todo argumenta como os instintos influenciam certos tipos de comportamento. Aos poucos eles se socializam, se transformam em hábitos e instituições, que, por sua vez, formam preferências por determinados tipos de trabalho e aversão por outros.

Há contraposição explícita ao *homo oeconomicus*, o que novamente expressa seu descontentamento com a interpretação falha de natureza humana. Por todo artigo, Veblen tem como objetivo, expressar uma natureza humana adequada para tratar o assunto econômico. Nesse contexto, esta discussão representa uma extensão do argumento apresentado em "Por que a Economia não é uma Ciência Evolucionária?" Com o objetivo de aprofundar a compreensão do comportamento humano, um aspecto notável é a distinção desse comportamento em relação a outras espécies. O homem moderno desfruta de uma vantagem relativa na conquista do ambiente em que vive, o que o diferencia da competição com outras espécies. Isso possibilita uma relação diferente com os mecanismos de seleção natural, porque ter meios materiais e inteligência para se organizar socialmente, o ser humano pode usufruir os frutos de sua ação social e transformação do ambiente, como argumenta Veblen, ([1898 b]/2007, p.190):

O homem age em resposta a estímulos oferecidos pelo ambiente em que se encontra. Como outras espécies, o homem é uma criatura de hábitos e propensões. No entanto, diferente das outras espécies, o homem faz uso de seu intelecto superior, delibera sobre o conteúdo dos hábitos pelos quais suas ações são guiadas e avalia os efeitos que seguem destes hábitos e propensões. Diferente de outros animais, o homem tem que ser avaliado como um agente consciente e inteligente. A necessidade seletiva equipou a espécie humana com a propensão de agir com propósito.

Essa seleção artificial que permite manipulação do ambiente para obter vantagem competitiva sobre outras espécies é fundamental para a própria evolução das sociedades humanas²³. Ressalta como conceituar impulsos humanos com propósitos e fins definidos (aqui chamados de instintos) é importante para teoria econômica.

1- Instinto para artesanato²⁴ é o instinto está ligado a finalidade de consecução de um trabalho útil que contribuiria para a sociedade em geral. Há efeitos de cooperação e contribuição social pacífica e a preocupação com a capacidade de trabalho e sua realização. Relacionado com esse instinto há o *parental bent*, e representa a determinação de manutenção das novas gerações da comunidade de maneira geral.

2 – Instinto para o esporte²⁵ se contrapõe ao instinto de artesanato e representa a finalidade egoísta, mesmo que seja por fim violentos e destrutivos. É a força motriz da guerra e dos conflitos e da dominação pela força.

3 – Instinto à propensão emulativa é a característica que leva os indivíduos a reproduzir os comportamentos socialmente aceitos como forma de eles mesmos serem aceitos em sociedade e de forma contrária evitar comportamentos reprovados socialmente (SALLES; CAMATTA, 2017). Sob as regras de conduta impostas pelo instinto para o artesanato, eficiência e serventia recebem aprovação da comunidade, enquanto ineficiência ou futilidade são rejeitadas. “Ao contemplar sua própria conduta e a de seus semelhantes, o homem faz juízo²⁶ e sanciona ou reprova suas atitudes e as dos outros” (VEBLEN, 1898b)

Dados os instintos, que estimulam o comportamento humano, Veblen introduz a história nas relações sociais. É importante salientar que o comportamento não é simplesmente uma determinação social, sendo o indivíduo imbuído de propósito e poder de decisão, existe a possibilidade de adotar comportamentos diferentes do estimulado socialmente. Porém, o que se observa é uma tendência a conformação individual às instituições que alguém pode ou não se adaptar a elas. O ponto a ser ressaltado aqui é que cada sociedade possui uma série de instituições diferentes. O que permite relacionar as estruturas institucionais de cada época com o estímulo um ou outro instinto. Em Veblen ([1898b]/2007, p.195):

Por força das circunstâncias, de sua estrutura biológica frágil, a disposição humana era principalmente pacífica. Com a descoberta de ferramentas, surgiu a possibilidade

²³ Um termo curioso ao se referir esse ser humano é “senhor da criação” (VEBLEN, 1898b/2007, p.190).

²⁴ *Workmanship* no original.

²⁵ *Sportmanship* no original.

²⁶ A formação de juízos é um tema importante para Veblen desde Kant e a crítica do Juízo (1884/2020).

de que o homem adquirisse gradualmente uma disposição diferente, ainda que as circunstâncias apenas permitissem que esta disposição mais agressiva se fizesse sentir de forma gradual e parcial. Os hábitos da vida humana eram ainda predominantemente de caráter pacífico e industrial, não hábitos conflitivos e destrutivos

O resultado da descoberta de ferramentas modifica as relações materiais. “As mudanças que ocorrem nas invenções mecânicas²⁷ são uma expressão de mudanças no fator humano” (VEBLEN, 1898a). É nesse fator que devem ser buscadas as forças da transformação social. E é justamente a possibilidade de observar a consolidação, manutenção e mudança dos hábitos de pensamento e da cultura estimulam o estudo da evolução das estruturas sociais em diferentes sociedades.²⁸

O ponto central do artigo sobre instintos é relacionar os impulsos comportamentais propositados com a estrutura das relações materiais que por sua vez são definidas historicamente em um processo cumulativo específico. Em outras palavras, os instintos são fundamentais para definir o comportamento habitual e esses se consolidam em instituições que estruturam as relações sociais.

Do ponto de vista metodológico, o artigo é importante porque desenvolve conceitos de instintos e os introduz em um ambiente histórico-institucional. Ainda possui relação com o desenvolvimento com os artigos analisados anteriormente sobre Kant (1884), sobre sua relação com os filósofos pragmatistas e sobre o método da Economia evolucionária (1898).

3.2.4. THE PRECONCEPTIONS OF ECONOMIC SCIENCE PART I(1899b) II(1899c) E III (1900)

Publicado em 3 partes no *Quartely Journal of Economics* entre janeiro de 1899 e fevereiro de 1900, esta série aprofunda as críticas às escolas chamadas pré-modernas ou não evolucionárias. É um esforço crítico que reforça as considerações sobre o conteúdo dos estudos econômicos com forte tendência animista. Hodgson e Camic (2011, p.139):

To describe the economists’ pre-modern approach, Veblen’s article makes heavy use of the belittling term ‘animism,’ which anthropologist E. B. Tylor had famously applied to characterize ‘the general belief in piritual beings’ that predominates in savage and barbarian cultures but finds certain survivals as well in ‘the midst of high

²⁷ As mudanças técnicas de uma sociedade são relevantes e antecedem a mudança nos hábitos de pensamento. Porém é interessante pensar a possibilidade inversa, hábitos de pensamento e instituições voltados para criar novas técnicas. Entre várias críticas, um elogio ao capitalismo é parecer estimular hábitos de pensamentos voltados à criação tecnológica.

²⁸ É isso que Veblen faz em *A Teoria da Classe Ociosa* (1899a) um desenvolvimento exemplar de como as transformações sociais geram novos hábitos de pensamento, assim como também geram classes com seus próprios padrões de consumo que se consolidam institucionalmente e estimulam a conservação do *status quo*

modern culture' (1871, p. 426).¹⁸ Veblen sees animism – which he equates with the mental habit of anthropomorphizing natural phenomena ²⁹

Para tanto, Veblen faz uma análise histórica e metodológica partindo dos fisiocratas, passando por Adam Smith, David Hume, Thomas Malthus, os utilitaristas desde Jeremy Bentham e diversos economistas até chegar em Neville Keynes e Alfred Marshall. É um trabalho de História do Pensamento Econômico com um intuito estimular e justificar uma nova agenda de pesquisa, no caso a economia evolucionária.

Além disso, o artigo é bem conhecido na literatura por ser o primeiro a se referir a certo grupo de economistas como “Escola Neoclássica” como relata Lawson (2021). Contudo, seu propósito é analisar os elementos “metafísicos” desde os fisiocratas, além de relatar como foram se transformando ao longo do tempo. Em certo sentido, o que Veblen faz é uma análise dos fundamentos filosóficos, buscando argumentar como os vieses da cosmovisão dos pensadores influenciaram toda a sua capacidade de teorização econômica. Em outras palavras, investigar as concepções é um exercício que visa identificar os elementos que impulsionam o pesquisador. Isso nos leva implicitamente a considerar a não neutralidade na prática científica, a qual, por sua vez, está vinculada aos hábitos de pensamento de uma época e lugar específicos. Esse aspecto é descrito por Veblen [1899 a]/2011, p.190-1):

So, for instance, it is quite the conventional thing to say that the speculations of the Physiocrats were dominated and shaped by the preconception of Natural Rights. Account has been taken of the effect of natural-rights preconceptions upon the Physiocratic schemes of policy and economic reform, as well as upon the details of their doctrines of the significance of these preconceptions for the lower courses of the Physiocrats' theoretical structure. And yet that habit of mind to which the natural-rights view is wholesome and adequate is answerable both for the point of departure and for the objective point of the Physiocratic theories (VEBLEN, [1899 a]/2011, p.190-1)

Os fisiocratas são considerados por muitos como ponto de partida de uma teorização econômica articulada em um sistema coeso. Além disso, o elemento metafísico se estrutura explicitamente, o que os torna um bom exemplo. As leis naturais seriam imutáveis e infalíveis, e a própria natureza seria expressão da vontade divina. Os elementos para geração de bem-estar estariam unidos ao respeito às leis naturais de caráter universal. E dessa forma a geração de valor excedente originário da agricultura estimularia a economia e os resultados econômicos seriam derivados do resultado do setor agrário.

²⁹ Hodgson, Camic (2011, p.139).

O ser humano pode transgredir a lei, contudo, a Lei da ordem da natureza é do caráter de uma propensão que trabalha para um fim, para a realização de um propósito (VEBLEN, [1899 a]/2011). Existe uma teleologia específica que é definida a partir dos pressupostos filosóficos dados. Há um certo rigor, que pode facilmente se transformar em dogmatismo. “O governo perfeito não é uma instituição humana, os homens não podem adicionar nada nem retirar nada dessa teocracia” (MIRABEAU, [1763]/2020) Afinal, o bem-estar humano, depende da obediência da lei natural, que funciona como uma mecânica ordenada, que impõe ao ser humano a conformação do seu comportamento para se adequar ao processo imposto por uma natureza absoluta. Em Veblen ([1899 a]/2011, p.194):

But back of Nature and her works there is, in the Physiocratic scheme of the universe, the Creator, by whose all-wise and benevolent power the order of nature has been established in all the strength and beauty of its inviolate and immutable perfection. But the Physiocratic conception of the Creator is essentially a deistic one: he stands apart from the course of nature which he has established, and keeps his hands

No trecho acima, fica claro a defesa de lei natural e os elementos metafísicos na doutrina fisiocrata. Por sua vez, o animismo se figura de como uma expressão de ordem consciente e animada (e neste caso divina) sobre as relações mecânicas e físicas do mundo material. Veblen, argumenta que os hábitos de pensamento por toda Europa são similares, porém certas especificidades no tratamento da questão dos franceses e dos britânicos era diferente. Sabe-se que Adam Smith (1723-1790) foi influenciado pelos franceses, embora seu animismo tenha se manifestado de maneira diversa.

O ambiente institucional britânico se destacava por sua diferença. Enquanto David Hume (1711-1776) representava um extremo ceticismo, não se pode generalizar seu pensamento para toda a classe intelectual britânica. Os britânicos, de maneira geral, tinham uma abordagem mais prática para fundamentar suas teorias. No entanto, o animismo persistia de uma forma diferente. Adam Smith (1723-1790) avançou ao analisar a manufatura como fonte relevante de geração de valor. “O caráter industrial da análise smithiana, a vida em uma comunidade industrial não favorece o preconceito animista” (VEBLEN, [1899a]/2011). Contudo, tomando Smith como expoente dessa atitude britânica no conhecimento teórico, deve-se notar que, ele formula seu conhecimento em termos (leis naturais) trabalhando teleologicamente para um fim. A segunda parte da série apresenta o caráter teleológico das concepções smithianas. Veblen, ([1899b]/2011, p.206)

A Riqueza das Nações de Adam Smith é, de fato, na medida em que tem um único propósito, uma reivindicação da lei inconsciente presente nas ações separadas dos

homens quando essas ações são dirigidas por um certo forte motivo pessoal”. Teoria dos Sentimentos Morais e na Riqueza das Nações há muitas passagens que testemunham sua convicção permanente de que há uma tendência salutar no curso natural das coisas, e o tom caracteristicamente otimista em que ele fala em prol da liberdade natural é apenas uma expressão desta convicção. Um recurso extremo a esse fundamento animista ocorre em seu pedido de liberdade de investimento.

Embora menos explícito que os fisiocratas, o curso natural se expressa nas atitudes otimistas de um ambiente livre de intervenção mercantilista. A interpretação daquilo que o ambiente natural e o conseqüente combate aos desvios da ordem são as marcas metafísica e teleológica do pensamento de Smith.

O caráter de ordem e seus respectivos desvios são exemplificados³⁰ com a ocorrência e diferenciação entre preços naturais e preços de mercado (HERSCOVICI, 2020). Os desvios seriam corrigidos se as forças desviantes cessassem. Para Smith, a esfera da produção e a respectiva geração de valor a partir do trabalho comandado regulava os níveis normais de preços. Os desvios tenderiam naturalmente para o preço natural.

A “normalização” dos preços tem um efeito regulador sobre a concorrência, o objetivo econômico seria deixar investidores livres e eles naturalmente se adequariam ao estado normal de investimento e preços. E a consequência da liberdade seria um aumento do bem-estar motivado pela produção auto-interessada e a distribuição para outras classes via salários e alugueis.

O ponto buscado por Veblen é que a perspectiva de ordem natural gera em Smith uma expectativa teleológica. Novamente, as noções teóricas estão impregnadas por uma relação que pode ser considerada metafísica, pois os estados normais são mais hipotéticos que efetivos.

No decorrer do desenvolvimento das teorias econômicas, os estados normais continuam a existir, embora não sejam mais estabelecidos da mesma forma. Enquanto para Smith, a esfera da produção e o trabalho comandado eram o fundamento para o estado normal, economistas posteriores, mais especificamente os utilitaristas e marginalistas influenciados por uma visão benthaniana, passaram a abordar essa questão de maneira diferente.³¹ Os estudos utilitaristas modificam de sobremaneira as concepções teleológicas, na realidade, é um reflexo da modificação dos hábitos de pensamento no século XVIII, em Veblen ([1899b]/2011, p.217-8):

³⁰ Pode-se citar outro exemplo de universalização de Smith: a propensão a troca do ser humano. O que antropológicamente é negado.

³¹ Jeremy Bentham (1748-1832) precursor do utilitarismo e famoso pelo argumento utilitário para resolver o paradoxo da água e do diamante.

for Bentham is the exponent of a cultural change that affects the habits of thought of the entire community. The immediate point of Bentham's work, as affecting the habits of thought of the educated community, is the substitution of hedonism (utility) in place of achievement of purpose, as a ground of legitimacy and a guide in the normalization of knowledge. Its effect is most patent in speculations on morals, where it inculcates determinism. Its close connection with determinism in ethics points the way to what may be expected of its working in economics.

Os parâmetros hedonistas, que Veblen havia relatado em *Porque a Economia Não é Uma Ciência Evolucionária?* começam a se formar a partir das discussões utilitárias de Bentham. Evidentemente, os desenvolvimentos teóricos posteriores possibilitaram uma formalização crescente daquilo que Bentham tratava de forma conceitual e filosófica.

O conceito de natureza humana empobrece em troca de uma valorização da formalização. O que é contrário ao entendimento de uma ciência evolucionária. Pois não se obtém uma explicação de causação cumulativa dentro do processo de reprodução social e cultural com os modelos dedutivos dos marginalistas ou da economia taxinômica de Cairnes por exemplo.

Na realidade, a situação tem uma significativa deterioração, pois a economia política clássica, ainda tentava, em certa medida, explorar a esfera da produção e da geração de valor por meio de fenômenos produtivos³². Isso se perde, embora a taxionomia econômica ainda se esforce por ter um poder classificatório que tem alguma possibilidade de organizar os dados econômicos. Se cria uma ciência formalista mais voltada para as formalizações hipotéticas que muitas vezes não possuem relação alguma com a realidade econômica.

Por sua vez, Adam Smith cria mitos em relação a universalização da troca pelos indivíduos e do dinheiro como grande roda da circulação, os hedonistas criam um indivíduo mitológico que se adequa aos seus modelos hipotéticos onde procuram o máximo de prazer e chegam sempre às melhores condições de troca possíveis.

O animismo ganha outros tons com os economistas pós-benthanianos. A formulação subjetiva transfere para o indivíduo a responsabilidade de normalização. Ele é responsável por alcançar o nível ótimo de consumo e também de oferecer o seu trabalho conforme seu *trade-off* com seu lazer. Não é coincidência que o equilíbrio comece a fazer parte da formulação matemática e os modelos ajustem suas premissas com o fim de encontrar esse ponto. É evidente

³² Karl Marx (1818-1883) ainda está muito mais próximo aos clássicos que os ditos economistas vulgares, talvez um dos parâmetros para esse adjetivo marxista seja justamente a teorização abstrata e afastada da realidade produtiva que surge pela influência utilitarista em economia.

que o indivíduo hedonista é uma figura hipotética que deixa de considerar a complexidade do comportamento humano. É justamente a isso que se contrapõe a economia evolucionária.

Os desenvolvimentos da teoria economia durante a segunda metade do século XIX é o tema da terceira parte do *The Preconceptions of Economic Science* (1900), além de muitas considerações sobre a metodologia da ciência. De acordo com Mill, por exemplo, o hedonismo ingenuamente quantitativo de Bentham está sendo suplantado por um hedonismo sofisticado³³ (VEBLEN, 1900/2011).

Os parâmetros do direito natural presentes em Smith e nos fisiocratas se modificam, a ordem não é mais uma expressão da vontade divina, mas sim, um aspecto das disposições individuais que se traduzem em curvas de oferta e de demanda, assim como na realização das trocas que por sua vez seriam a consequência da realização dos desejos humanos. Segundo Veblen ([1900]/2011, p. 235):

more archaic metaphysics of the science, which saw in the orderly correlation and sequence of events a constraining guidance of an extra-causal, teleological kind, in this way becomes a metaphysics of normality which asserts no extra-causal constraint over events, but contents itself with establishing correlations, equivalencies, homologies, and theories concerning the conditions of an economic equilibrium.

A preconcepção animista se torna menos perceptível, o equilíbrio como resultado da dedução formalizada se torna o núcleo para as defesas de condutas econômicas. O elemento metafísico se transforma nesse ponto, pois a justificativa não é extra-causal, ou seja, não está em elementos fora da natureza (como uma ordem divina ou sobrenatural), e sim em relação à uma abstração dos desejos humanos que levam a um equilíbrio. O problema é que o equilíbrio é puramente hipotético, alcançado com pressupostos não realistas. E por mais que haja coerência na lógica interna, não há fundamentos empíricos que o validem ou falseiem, em outras palavras, falta realismo na formulação desses economistas.

Assim, ao tratar o equilíbrio como algo metafísico, os economistas do tempo de Veblen continuam a se basear em um arcabouço não realista, e além disso metafísicos e portanto, não fazem suas análises a partir de um processo de causação cumulativa evolucionária. Claro, que é preciso diferenciar essa posição, daquelas que possuíam um caráter historicista, segundo Veblen, ([1900]/2011, p.235) :

the so-called Austrian school is scarcely distinguishable from the neo-classical, unless it be in the different distribution of emphasis. The divergence between the modernized

³³ Veblen argumenta que a psicologia associacionista foi aplicada por Mill aos conceitos hedonistas.

classical views, on the one hand, and the historical and Marxist schools, on the other hand, is wider, – so much so, indeed, as to bar out a consideration of the postulates of the latter under the same head of inquiry with the former

De qualquer forma, a caracterização de uma economia neoclássica se baseia nos fundamentos universalizantes, normalizantes e metafísicos. E o ponto mais crítico, que Veblen imagina que seria superado, era não levar em conta a complexidade da evolução social e cultural das economias. Sua crítica simpática ao professor Marshall se baseia na incapacidade de alcançar uma análise institucional verdadeira. Em Veblen, ([1900]/2011, p.235)

Any sympathetic reader of Professor Marshall's great work – and that must mean every reader – comes away with a sense of swift and smooth movement and interaction of parts; but it is the movement of a consummately conceived and self-balanced mechanism, not that of a cumulatively unfolding process or an institutional adaptation to cumulatively unfolding exigencies.

Por fim, o grande tema da série *The Preconceptions* é metodológico. A profundidade alcança é causada pela união de uma análise histórica que busca nos hábitos de pensamento de cada época, as motivações e preconcepções que influenciam os autores a ter uma determinada interpretação econômica. A evolução da teoria econômica é marcadamente um processo evolução institucional. Isso não pressupõe progresso e nem linearidade, apenas que os economistas possuem hábitos de pensamento relacionados ao seu ambiente institucional em que viveram, assim como suas concepções e preconceitos. Pode-se dizer que a História do Pensamento Econômico também é uma matéria que leva em conta a evolução institucional. As contribuições metodológicas dos grandes economistas, também estão carregadas de instituições que os formaram, portanto o desenvolvimento metodológico não é apenas individual, mas também social. Isso se enquadra muito bem nas concepções da EIO.

3.3. WALTER H. HAMILTON (1881-1958)

Apesar de Veblen ser o autor que fundamentou os conceitos e a partir de seus livros e artigos exemplificar como fazer a análise a partir da evolução institucional. Foi em um artigo de 1919 que Walton H. Hamilton³⁴ realmente cunhou o termo Economia Institucional e propôs sistematicamente como deveria ser a abordagem dessa escola.

³⁴ Para mais sobre o assunto ver Rutherford (2001).

O artigo foi bem aceito e durante a década de 1920 e 1930 houve progressos e estudos diversos que partiram dos conceitos veblorianos e da proposta de abordagem teórica de Hamilton, onde o caso mais notório é o de John R. Commons.

De forma simples e objetiva, o autor propõe 5 características da economia institucional. Hamilton ([1919]/2017), p. 57-62):

1. A teoria econômica deve unificar a ciência econômica:
2. A teoria econômica deve ser relevante para o problema moderno do controle
3. O tema apropriado da teoria econômica são Instituições.
4. A Teoria Economia é preocupada com questões de processo
5. A Teoria econômica deve ser fundamentada em uma teoria aceitável do comportamento humano

Em um comentário geral sobre as 5 características, ressalta-se a abrangência e a importância das instituições para toda economia e como há um processo, pois as instituições são flexíveis e se modificam no tempo. Além disso, o comportamento humano importa e o problema do controle é relevante, onde entende-se por controle, aquela ação aparentemente voluntária que é controlada por convenções e hábitos de pensamentos sutis. (HAMILTON, 2017[1919])

O artigo também sugere uma certa interdisciplinaridade³⁵, procura ter harmonia com tendências Éticas, Psicologia e Políticas e o possível uso de materiais de outras escolas, desde que devidamente adaptado (HAMILTON, 2017[1919]). Em resumo esboça programa de pesquisa.

Olhando respectivamente, houve progressos nesse programa por 2 décadas e seu paulatino enfraquecimento até ressurgir a reboque do sucesso da Nova Economia Institucional e dos estudos de autores como Hodgson. Além disso é inegável como o institucionalismo proposto por Hamilton fundamentou características da EIO durante o século XX.

³⁵ Atualmente, discutem-se aspectos transdisciplinares das correntes. Ao contrário da interdisciplinaridade, que se concentra na colaboração entre disciplinas distintas, a transdisciplinaridade procura ir além dessas fronteiras, criando novas perspectivas e abordagens que não podem ser reduzidas a uma única disciplina. Ou seja, a transdisciplinaridade é mais ampla e busca uma maior integração entre os campos científicos. No escopo desse trabalho, considera-se metodologia da EIO com grande potencial interdisciplinar, assim como transdisciplinar.

Em artigo intitulado “*The Methodological Basis of Institutional Economics: Pattern Model, Storytelling, and Holism*” publicado em 1978 no *Journal of Economic Issues*, Wilber e Harrison (1978, p. 62) argumentam outros aspectos da metodologia Institucional:

Contemporary philosophy of science has been drawn upon to understand institutionalist methodology and how it differs from that of standard economics... Holism, including pattern models and storytelling,³ expresses the belief that a change in subject matter requires a change in method. Institutional economics, radical political economy, and Marxism fall into this category.

O argumento no presente trabalho é que os elementos trazidos por Wilber e Harrison são originários da forma como Veblen e Hamilton propuseram conceitualmente e metodologicamente as bases da EIO. O holismo metodológico representa uma perspectiva oposta ao individualismo metodológico. O objeto de estudo institucional é socializado e a relação entre todas as partes é mais importante que a parte separada ou atomizada, “The holistic nature of institutionalism has ruled out other than incidental use of formal methods. Instead, institutionalists have engaged in a systematic form of storytelling that Abraham Kaplan calls a “pattern model.”” (WILBER, HARRISON, 1978).

Essas características peculiares trazem um enorme poder descritivo ao processo de evolução cultural. Unidas a outros conceitos teóricos como causação circular cumulativa e o *downward causation* (HODGSON, 2004) (PESSALI, 2015), permitem um grande potencial explicativo. No presente momento a questão é que Hamilton, a partir do exemplo vebleniano, ajudou a formatar todo um procedimento metodológico pertinente.

3.4. JOHN R. COMMONS (1862-1945)

Objetivamente, Commons foi o primeiro economista a considerar a transação como unidade de análise mais importante uma interpretação institucional da atividade econômica. (SALLES et al, 2017). Autores da Escola Novo Institucionalista como Ronald Coese e Oliver Williamson são assumidamente influenciados por esse autor.

Sua aproximação da economia com o direito foi muito promissora. E deu bases para o estudo dos custos de transação e a discussão da base contratual e relacional nos processos econômicos que envolvem conflitos de interesses e poderes de barganha entre agentes com assimetrias de poder. Commons ([1931]2017, p. 67) define instituições da seguinte forma:

Definida como ação coletiva em controle, liberação e expansão da ação individual. Suas formas são costumes desorganizados e interesses contínuos organizados. A Ação

individual é a participação nas transações de barganha, administração e distribuição, que são as unidades fins da atividade econômica. O controle por costumes ou interesses consiste em regras de funcionamento que governam em certo grau o que o indivíduo pode, deve ou tem liberdade ou não para fazer.

Por mais rebuscado que pareça, na realidade diz que os indivíduos tem a escolha de fazer ou não fazer a partir de um certo regramento que controla, libera e expande a ação individual. E o indivíduo age barganhando, administrando e distribuindo a partir de transações.

Além disso, a definição se conforma muito bem com as propostas de HAMILTON (2017[1919]), pois há fenômeno do controle (item 2) das propostas de teoria institucional. Uma definição de instituição (item 3), é abrangente (item 1), aplicável em muitos casos, leva em conta o comportamento (item 5) pode ser vista como processo (item 4). Enfim, é coerente com toda a proposta do institucionalismo original. Pode-se dizer que o artigo citado, original de 1931, é icônico e talvez um artigo extremamente relevante na HPE do século XX.

Assim como Veblen, Commons foi influenciado pelo pragmatismo, sua aproximação com Peirce e Dewey foi realizada de maneira explícita. Inclusive, ele, também, “*Ele também era hostil à dualidade cartesiana de mente e corpo*” (MIROWSKI, 1987). E também se adequa às premissas hermenêuticas e semiótica presentes no pragmatismo. Segundo Mirowski (1987, p.1027) :

...sees the transition for the complex social phenomena in it, it should become apparent that conflict of interest and interpretation would be endemic. Hence, problems of coordination within a market system will be rife, and there will be an imperative for some notion of “Reasonable Value” to be negotiated. This concept of value can only be historical and contingent upon the evolution of the interpretative community

A relevância do valor histórico e os aspectos socializados da sua teoria, leva em conta atividades passíveis de observação a partir das transações. Busca-se “a experiência como método” (GUEDES, 2019), a empiria em Commons como já salientado é originária das normas, doutrinas, jurisprudência e legislações que constroem ou expandem a atividade individual. Do ponto de vista metodológico a teoria commonsiana se conforma aos preceitos de Dewey, e continua no campo político. O “capitalismo razoável” corrobora com a visão de democracia deliberativa, levando em conta o poder de barganha entre as partes e assimetrias de poder. Ainda assim acreditava em reforma do sistema capitalista, o que converge para a visão democrática de Dewey. A este respeito, Guedes (2019, p.69) afirma que:

Na superação desse impasse está o cerne da dimensão política da filosofia de Dewey. Sem ilusões quanto à possibilidade de o liberalismo entregar a liberdade individual real presente em seu ideal Humanista, Dewey defendia a radicação da democracia. Ele pensava que tal tipo de democracia somente poderia existir caso repousasse nos ombros de cidadãos educados (daí o papel especial da educação e da escola) com valores cívicos, com apetite para conhecer, disposição para o diálogo e a capacidade de mudar o mundo pela ação intencional

A divisão de poder e a consequente manutenção ou transformação econômica e social deram a Commons a noção de defesa do equilíbrio de forças entre os atores econômicos³⁶. Nesse ponto, esse equilíbrio apenas seria possível no capitalismo americano do começo do século XX, se os sindicatos tivessem possibilidades de negociação mais ou menos equânimes com os empresários.

Portanto, Commons argumenta que os aspectos políticos, legais e sociais têm influência no processo econômico. A transformação reformista e democrática depende da estrutura institucionalizada da sociedade, e ainda mais, depende da capacidade democrática dessa comunidade, se o intuito for ir além do crescimento econômico, mas também um estado de bem-estar mais igualitário e livre. Esse é o grande propósito de toda sua metodologia. Quem o estuda deve ter isso muito claro.

3.5. WESLEY CLAIR MITCHELL (1874-1948)

Um dado importante da EIO é a amplitude dos campos de estudo, ao comparar John Commons e Wesley C. Mitchell é possível trabalhar no campo do direito ou no campo dos dados estatísticos usando fundamentos metodológicos ou conceituais da economia institucional. “Mitchell descarta a fundamentação da ortodoxia de sua época em supostos acerca de uma natureza humana, sugerindo novas bases psicológicas para a ciência econômica, ratificando a definição de instituições como hábitos mentais” (CAVALCANTE, 2014).

O artigo em duas partes, “A Racionalidade da Atividade Econômica” (1910a, 1910b) segue Veblen na crítica da base psicológica³⁷ inadequada dos economistas hedonistas para tratar assuntos econômicos. O núcleo da análise de Mitchell é da crítica da natureza humana e associá-

³⁶ Este equilíbrio é apenas ideal, visto que na realidade sempre existirá assimetria de poder.

³⁷ Em *The Preconceptions of Economic Science*, Veblen relaciona o desenvolvimento da teoria hedonista com a psicologia associativa, a qual era um desdobramento da filosofia positivista.

la aos estudos psicológicos não reducionistas ou positivistas para assim obter fundamentação empírica mais realista³⁸. Em Mitchell (1910a, p. 112):

In fine, economists began their neglect of psychology by taking human nature for granted. At first unconsciously, they facilitated the spinning of theories by tacitly positing the uniformity of human nature and its rational character. The one non-rational instinct which Malthus brought in made little trouble because its supposed functioning was so simple and regular.

Ao discutir a forma como se introduz a psicologia humana na teoria econômica, Mitchell procura se afastar do reducionismo hedonista. De fato, a preocupação de obter um certo realismo nas relações econômicas, levanta em um artigo chamado *Human Behavior and Economics: A Survey of Recent Literature* (Mitchell, 1914), as linhas das discussões da experiência psicológica humana e as possíveis contribuições para enriquecer a teoria. Uma dessas linhas é justamente a dos instintos veblenianos³⁹, ou seja, o ser humano com propensões e propósitos inseridos em um ambiente institucional que forma os hábitos de pensamento coletivos.

Contudo, o desenvolvimento do pensamento mitcheliano busca na estatística e nos dados quantitativos um meio para fortalecer os argumentos qualitativos da Economia Institucional. Os argumentos relacionam a busca de dados que levem em consideração a complexidade humana. A expectativa era que o aumento da capacidade de levantar e trabalhar dados empíricos possibilitasse uma maior aproximação com a realidade econômica sem precisar recorrer aos modelos neoclássicos baseados em um ser humano hedonista.

“Os pesquisadores quantitativos terão uma predileção especial pelos problemas institucionais, porque as instituições padronizam o comportamento e, assim, facilitam o procedimento estatístico”⁴⁰ (Mitchell, 1925). Porém, os estudos quantitativos, na realidade, fortaleceram a economia neoclássica, e os estudos das instituições foi relegado a segundo plano nas décadas seguintes. Isso contradiz as esperanças de Mitchell (1925, p. 12):

Indeed qualitative work itself will gain in power, scope and interest as we make use of wider, more accurate and more reliable measurements. And, to repeat what I said

38 Mitchell pode se relacionar à proposta de Hamilton (1919). Há uma proposta que visa analisar fundamentos comportamentais e de processo econômico com enfoque nas instituições. O item que talvez seja preciso esclarecer melhor é

39 Outros autores são descritos em *Human Behavior and Economics* são o psicólogo Graham Wallas's (1852-1932), o psicólogo Edward Lee Thorndike (1874-1949), o jornalista e comentarista político Walter Lippman (1889-1974) e o membro da Escola Histórica Alemã Werner Sombart (1863-1941), inclusive esse último é criticado por Mitchell por não aprofundar a análise natureza humana, o que corrobora a crítica de Veblen à Escola Histórica Alemã.

⁴⁰ “The quantitative workers will have a special predilection for institutional problems, because institutions standardize behavior, and thereby facilitate statistical procedure”

in the beginning, quantitative work cannot dispense with distinctions of quality. In the thinking of competent workers, the two types of analysis will cooperate with and complement each other as peacefully in economics as they do in chemistry

Infelizmente, a evolução do debate econômico não foi pacífica, pelo contrário, a forma quantitativa, que realmente ganhou relevância serviu para eclipsar muitas das análises qualitativas que levavam em conta uma sociedade complexa, dinâmica e evolucionária.

Contudo, Mitchell contribuiu para as pesquisas econômicas, sobretudo nas áreas de ciclos econômicos e da formação das contas nacionais, inclusive, sua participação na fundação e desenvolvimento da *National Bureau of Economic Research* (NBER) foi fundamental para o desenvolvimento de pesquisas quantitativas.

Também é preciso mencionar, mesmo possuindo um forte pensamento estatístico e quantitativo, Mitchell não deixou dar valor aos processos históricos e cumulativos baseado em instituições. O próprio Ciclo de Negócios não teria uma regularidade nos “Mitchel não formalizou sua teoria nos moldes neoclássicos. Em vez disso, ele desenvolveu a sua teoria como um processo de mudança de causalidade cumulativa baseado na dinâmica interna, fornecendo assim uma teoria poderosa, principalmente endógena”⁴¹ (SHERMAN, 2001, p.97) e os movimentos seriam marcados por fatores históricos, políticos e principalmente de decisões econômicas baseadas em hábitos de pensamento. Por isso a natureza humana é importante, ela influencia nos processos econômicos, assim como na própria forma como a sociedade evolui.

A questão em foco é como os conceitos iniciados por Thorstein Veblen podem ser trabalhados em uma dimensão quantitativa. Por mais desafiador que seja, os comportamentos humanos habituais estimulam padrões comportamentais, esses podem gerar dados que por sua vez podem ser trabalhados para estimular avanços nas análises qualitativas. A realidade é que Mitchell ainda possui muito a ser estudado. O importante no argumento dessa dissertação é o fato dele ao mesmo tempo que se diferencia metodologicamente de Commons e Hamilton, ser tão Institucionalista quanto ambos.

3.6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores estudados nesse capítulo são referências do início da EIO. O ponto relevante a ressaltar é como a fundamentação metodológica presente nos escritos de Thorstein Veblen

⁴¹ *Mitchel did not formalize his theory in the neoclassical manners. Instead, he developed his theory as a process of cumulative causation change based on internal dynamics, thus providing a powerful, primarily endogenous theory*

refletiu nos autores posteriores, que por sua vez também contribuíram para a sistematização e ampliação do arcabouço conceitual e empírico da Escola.

Defende-se nesta dissertação que a EIO antecipou muitas das críticas direcionadas à Escola Neoclássica⁴². De fato, não apenas descreveu os antecedentes históricos desde a Economia Política Clássica, como também apontou como os preconceitos presentes entre os clássicos se transformaram a ponto de dar fundamentos para novos meios de pesquisa no campo econômico, em outras palavras, a metodologia evoluiu, sem, no entanto, deixar de possuir aspectos animistas e teleológicos.

Como alternativa, Veblen acreditou que estava em curso a adoção do método evolucionário em economia, que levaria em conta aspectos históricos, antropológicos, psicológicos, sociais e culturais em um processo cumulativo. Desta forma, ele fundamentou a crítica aos neoclássicos sugerindo uma ontologia complexa para entender a natureza do ser humano dentro de um ambiente institucional e cultural em transformação, o que possibilita discussões interdisciplinares e pluralistas.

O intuito deste capítulo foi sugerir que os primeiros institucionalistas originais estabeleceram explicitamente um método evolucionário que se diferencia tanto do verificacionismo, quanto do falsificacionismo e do instrumentalismo desenvolvidos posteriormente. Portanto, um dos fatores que distancia a EIO da Escola Neoclássica é a incomensurabilidade dos seus fundamentos conceituais e metodológicos (HERSCOVICI, 2022). Por outro lado, o método evolucionário pode ser usado por outras Escolas Econômicas heterodoxas e por outras disciplinas científicas. O seu uso não é limitado à EIO. Nesse caso, seria necessária observar a possibilidade de convergências, embora seja importante ressaltar que também há possibilidade de divergências e incompatibilidades.

Assim, é preciso reforçar as discussões metodológicas contemporâneas. Surpreendentemente, o uso da metodologia evolucionária preconizada por Veblen não se generalizou. O *mainstream*⁴³ é em grande parte neoclássico que se mantém com concepções similares ao do início do século XX. Porém a crise de 2008 estimulou a volta de discussões metodológicas alternativas (DOW, 2021). O próximo capítulo procura explorar essas abordagens e relacioná-las à EIO.

⁴² O próprio Veblen cunhou o termo neoclássico no artigo *The Preconception of Economic Science*, Veblen (1900) já referenciado na presente dissertação. Sua crítica se baseia na noção não evolucionária dos autores neoclássicos, sobretudo Cairnes, e sua descrição do mecanismo econômicos “normais” e auto-equilibrados.

⁴³ Ressalta-se que os termos *mainstream* e neoclássicos têm significados diferentes. O primeiro refere-se a um arcabouço teórico em Economia que é amplamente aceito nos principais centros de pesquisa e Universidades do mundo. O segundo, às concepções comuns e padronizadas de certos grupos de economistas se organizam em forma de Escola de Pensamento Econômico. Sobre este assunto, ver Colander, Holt, Rosser Jr. (2004); Dequech (2021).

garanto que uma flor nasceu...

é feia, mas é uma flor

furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”

(Carlos Drummond de Andrade, Flor e a Náusea)

CAPÍTULO 4 - DEBATES METODOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS E SUA RELAÇÃO COM A ECONOMIA INSTITUCIONAL ORIGINAL.

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Grandes crises econômicas desarmam muitos artifícios retóricos das doutrinas econômicas dominantes. Na realidade, o fato da abordagem *mainstream* não ter conseguido prever nem lidar com a crise de 2008 instigou muitos pesquisadores a repensar o modo de realizar suas pesquisas e o arcabouço teórico adequado para explorar a realidade econômica. Na Ciência Econômica isso estimula - além de outros debates mais acalorados - discussões metodológicas que procuram desenvolver maneiras diversas de analisar os dados econômicos e sua interpretação.

Nessa tendência, a EIO surge como uma opção para contribuir com as formulações dos metodólogos. Um primeiro ponto é a crítica de Veblen dirigida aos economistas neoclássicos que se mantém atual, sendo convergente com muitos dos argumentos de economistas heterodoxos de diversas Escolas. O segundo é a contribuição nas discussões metodológicas com ênfase nos aspectos do método evolucionário, na importância da ontologia na teoria como fonte de caracterização da natureza humana complexa. Por fim, na diversidade empírica que fornece à EIO uma amplitude interdisciplinar.

Com o objetivo de examinar a convergência entre as discussões metodológicas contemporâneas e a Teoria Institucional serão discutidas três abordagens diferentes. Elas trazem elementos convergentes com os conceitos ou métodos utilizados por Veblen e pelos precursores da EIO. Para tanto, os autores escolhidos foram: Geoffrey Hodgson e a abordagem institucional evolucionária ou darwinismo generalizado; Tony Lawson, realismo crítico e ontologia social; e, Alain Herscovici e o debate sobre valor, historicidade e epistemologia econômica.

Acredita-se que é importante explorar as interpretações metodológicas dos três autores acima mencionados uma vez que contribuem para a construção de uma visão mais abrangente e interdisciplinar compatível com aquela proposta pela EIO. Ou seja, cada um deles elabora perspectivas únicas que se alinham aos princípios da Escola. A abordagem institucional evolucionária de Hodgson destaca a importância da evolução das instituições ao longo do

tempo. O realismo crítico de Lawson ressalta a necessidade de uma análise mais aprofundada e contextualizada da Economia. Por sua vez, Herscovici traz à tona debates sobre o valor, a historicidade e a epistemologia econômica, enriquecendo ainda mais as discussões metodológicas dentro do âmbito da EIO. Ao considerar essas abordagens em conjunto, acredita-se que é possível ampliar a compreensão da complexidade da economia e da sociedade, ao mesmo tempo em que se fortalece as bases da Economia Institucional Original como uma abordagem relevante e interdisciplinar na análise econômica contemporânea.

4.2.1. GEOFFREY HODGSON⁴⁴ E O DARWINISMO GENERALIZADO

Geoffrey Hodgson é um dos principais pensadores da Economia Institucional e seu trabalho é frequentemente associado ao conceito de Darwinismo Generalizado. Esse termo sugere uma abordagem que se estende além da biologia evolucionária de Charles Darwin e é aplicado à compreensão das instituições sociais, econômicas e organizacionais. Nesta seção, procura-se examinar o conceito de Darwinismo Generalizado, suas raízes na obra de Hodgson e suas implicações para a teoria econômica e social.

A influência da obra de Thorstein Veblen sobre as pesquisas elaborada por Geoffrey Hodgson é evidente⁴⁵ uma vez que se observa a ênfase dada à evolução das instituições, à análise crítica da economia convencional e à compreensão das complexas interações entre as instituições, as estruturas sociais e o comportamento econômico. A contribuição de Hodgson para o campo da EIO foi moldada e enriquecida por essas influências de Veblen, e essa continuidade no pensamento demonstra a importância duradoura das ideias do autor americano no campo da análise institucional. Tal influência é observada na seguinte passagem de Hodgson (2012, p.283):

I argue, however, that the additional name of Thorstein Veblen is not only highly significant but rather special in this context. In a narrower and more well-defined understanding of ‘evolutionary and institutional economics’ that I shall discuss below, Veblen emerges in a sense as its father. Although others are also extremely important in its genesis, Veblen to some degree stands above them.

⁴⁴ Hodgson possui forte influência sobre o Institucionalismo Original brasileiro. Além dos textos amplamente usados pelos precursores da Escola no Brasil, notadamente Octávio Conceição (UFRGS) e Ramon Garcia Fernandez (UFABC), foi orientador de Alexandre Ottoni Teatini Salles (UFES) e de Huáscar Fialho Pessali (UFPR). O que o leva reconhecer no prefácio de Economia Institucional: fundamentos teóricos e históricos que “O Brasil, em particular, é atualmente um grande centro para estudo e desenvolvimento da Economia Institucional” (SALLES, PESSALI, FERNANDEZ, 2017, p.9)

⁴⁵ O argumento de Hodgson se fundamenta em diversos artigos, para aprofundar o tema ver Hodgson (1993, 2001, 2002, 2004) e Hodgson, Knudsen (2010)

O conceito de Darwinismo Generalizado de Hodgson parte da premissa de que a seleção natural e a adaptação, que são princípios fundamentais da evolução biológica, também desempenham um papel essencial na evolução das instituições. Hodgson argumenta que, assim como os organismos se adaptam ao ambiente para sobreviver e se reproduzir, as instituições que são mais eficazes e adequadas em moldar o comportamento humano tendem a prevalecer. Isso implica que as instituições são sujeitas à seleção competitiva, e aquelas que não se adaptam ou não são eficazes desaparecem ou são substituídas por outras mais adequadas.

Essa abordagem estende-se à análise das instituições econômicas e organizacionais, nas quais Hodgson argumenta que a competição entre instituições molda o comportamento econômico e a eficiência dos mercados. Nesse sentido, o Darwinismo Generalizado fornece uma estrutura para entender como as instituições evoluem, como elas afetam o comportamento humano, e como as práticas econômicas se adaptam ao longo do tempo em um sistema complexo de populações. Assim, segundo Hodgson e Knudsen (2010, p. 41):

Darwinism, for instance, establishes the role of variety in the Evolution of complex population systems. There are vital lessons here for social scientists. In pursuit of tractable models, economists have often aggregated, averaged, or assumed away variety. But to neglect variation in complex population systems is to overlook their evolutionary fuel.

Isso significa que as instituições não são apenas produtos da ação humana individual humano, mas também resultam de um processo evolutivo mais amplo (socializado) e complexo. Isso tem importantes implicações para a teoria econômica uma vez que enfatiza a importância das instituições na determinação do comportamento econômico e na formação dos resultados do mercado. Além disso, sugere que as instituições são passíveis de mudanças ao longo do tempo, o que é crucial para entender como as economias se adaptam a novos desafios e oportunidades.

O Darwinismo Generalizado também pode ter aplicações em várias áreas, incluindo a análise organizacional, a governança corporativa, a política pública e a teoria da firma. Ao aplicar essa perspectiva, os pesquisadores podem analisar como as instituições afetam a eficiência e a inovação em diferentes contextos econômicos e sociais.

O Darwinismo Generalizado de Geoffrey Hodgson é uma contribuição significativa para a Economia Institucional e para a compreensão das instituições na sociedade. Ele destaca a importância da evolução e da seleção na formação e no desenvolvimento das instituições e enfatiza a necessidade de considerar as forças evolucionárias ao analisar a economia e a

sociedade⁴⁶. Essa abordagem oferece uma perspectiva para entender como as instituições moldam o comportamento humano e a dinâmica econômica, tornando-a uma ferramenta valiosa na análise de questões econômicas e sociais contemporâneas.

4.2.2. CRÍTICAS AO DARWINISMO GENERALIZADO

Uma crítica ao Darwinismo Generalizado de Hodgson é uma simplificação excessiva e a aplicação não apropriada dos princípios da seleção natural à análise de instituições sociais e econômicas. Enquanto a teoria evolucionária é fundamental para compreender a evolução biológica, sua extensão para o campo das instituições muitas vezes não consegue abarcar complexidade das relações sociais, a influência da política, da cultura e das intervenções deliberadas nas instituições. A este respeito, Luz e Fracalanza (2011, p. 43) afirmam que:

...a explicação darwiniana só poderia ser aplicada a processos de seleção econômica que envolvessem a replicação por mecanismos de herança. Porém, argumenta Cordes (2006), os replicadores na esfera social não têm semelhança com os genes, sendo difícil encontrar nesse domínio relações entre as distintas gerações, uma vez que não existem espécies e que o resultado das informações pode ser transmitido em várias direções.

Além disso, essa abordagem pode minimizar a importância das ações humanas conscientes na formação e transformação das instituições, negligenciando a diversidade de fatores que influenciam seu desenvolvimento. Portanto, uma crítica válida é que o Darwinismo Generalizado pode simplificar demasiadamente o processo evolucionário e dessa forma não abarcar toda complexidade da evolução institucional e cultural.

Da mesma forma, a evolução cultural e institucional se diferencia da evolução do campo da biologia por questão do tempo da realização da mudança. Enquanto os processos evolucionários biológicos ocorrem no longo prazo, a realidade social é dinâmica, e as transformações em uma sociedade pode ocorrer no curto prazo. A questão da velocidade da mudança é uma dificuldade para aplicação da analogia evolucionária generalizada para o entendimento da transformação institucional. Como afirmam Luz e Fracalanza (2011, p. 43):

se no domínio biológico, o programa genético é resultado de um processo de longo prazo de seleção natural, esse processo de longo prazo não acontece com as empresas ou outras instituições, uma vez que a deliberação e a intencionalidade humanas

⁴⁶ O conceito de hábito mental e a ideia de causalção reconstitutiva de cima para baixo de Hodgson é um tema pertinente e central. Os debates em torno de suas contribuições para a abordagem evolucionária da EIO se fundamentam nesses dois conceitos.

exercem um papel fundamental na evolução socioeconômica, selecionando rotinas, tecnologias e produtos

De acordo com a citação acima, pode-se concluir que os críticos são céticos quando a utilização plena do arcabouço metodológico do Darwinismo Generalizado. Muito embora também não neguem a possibilidade de que novas contribuições sejam possíveis, a fim de corrigir as limitações teóricas e práticas do Darwinismo Generalizado Nesta Dissertação, no entanto, o importante é ressaltar que a teoria evolucionária de Hodgson também leva em conta aspectos ontológicos e históricos. O que pode levar a considerar algum debate com os outros dois autores descritos neste capítulo.

4.3. TONY LAWSON, DO REALISMO CRÍTICO⁴⁷ À ONTOLOGIA SOCIAL⁴⁸.

Em consonância com a visão de Veblen, o trabalho acadêmico de Tony Lawson enfatiza que a análise econômica e social deve ser realizada dentro de um contexto mais amplo, considerando a influência das instituições, das estruturas sociais e das relações humanas. Ambos compartilham a crítica à economia convencional, que muitas vezes se baseia em modelos abstratos de agentes racionais, ignorando a riqueza da realidade das interações humanas. Ambos destacam que as instituições desempenham um papel fundamental na determinação do comportamento humano e nos resultados econômicos, reconhecendo que as simplificações excessivas não conseguem capturar a complexidade das relações sociais e econômicas.

Além disso, Lawson incorpora a abordagem evolucionária de Veblen também em sua análise. Ambos os autores consideram que as instituições são dinâmicas e passíveis de mudanças ao longo do tempo, adaptando-se às condições sociais e econômicas em constante evolução. Essa perspectiva evolucionária é uma característica central do trabalho dos autores.

Na literatura especializada, Lawson é reconhecido por sua abordagem no campo do Realismo Crítico⁴⁹. Ou seja, “ele desafia o positivismo e o reducionismo na análise econômica

⁴⁷ Muito do conceito de realismo crítico estudado nesta seção está baseado nas concepções de Ram Roy Bhaskar (1944-2014). Argumenta-se também que o Modelo Transformacional de Atividade Social (MTAS) pode ter relações a serem exploradas com a EIO, pois entende-se que a conexão sociedade-pessoa tem vínculo com estruturas sociais e a reprodução de comportamentos.

⁴⁸ Vale a pena lembrar que a ontologia é o ramo da filosofia que estuda a natureza do ser e da realidade, na qual o ser interage, enquanto a ontologia social é a relação do ser em seus aspectos socializados, entre estes o aspecto institucional.

⁴⁹

a partir da defesa de uma perspectiva filosófica da realidade que exalta a natureza do objeto estudado e a conformação ontológica com o método utilizado” (ALMEIDA, 2023). Ele argumenta que a economia deve ser estudada em toda a sua complexidade, levando em consideração as influências das instituições, das estruturas sociais e da história. A este respeito, Cavalcante (2007, p.90) afirma que:

Estruturas sociais, ao contrário de estruturas naturais, não existem na ausência de sujeitos, de indivíduos cuja ação é intencionalmente orientada. Como visto anteriormente, a intencionalidade depende de estruturas sociais relativamente duradouras que sirvam de base para a formação dos projetos individuais. Deste modo, a ação humana não pode ocorrer fora de estruturas sociais, pois a vida social é condicionada por regras

Sua visão realista crítica proporciona uma lente que vai além das simplificações matemáticas comuns na economia convencional, permitindo uma análise mais contextualizada e holística das ciências sociais e econômicas. Porém, por volta de 2009, há uma reorientação das perspectivas do autor, segundo ALMEIDA (2023, p.54)

...há uma inclinação de Lawson à adaptação de uma teoria da ontologia social além da denominação, utilizada até então, de realismo crítico. O autor propõe um retorno ao posicionamento ontológico acima de um comprometimento com a análise que os realistas críticos vêm propondo. Além disso, há uma busca por um posicionamento geral às ciências sociais e não só para a ciência econômica.

A transição de Tony Lawson do Realismo Crítico para a Ontologia Social representa uma evolução significativa de sua abordagem. A Ontologia Social busca entender as realidades sociais em termos de entidades e processos que têm uma existência independente, independentemente das crenças e ações individuais. Nessa transição, Lawson amplia seu escopo de pesquisa para explorar como as estruturas sociais, as normas e as instituições moldam as interações humanas e a economia. Isso oferece uma perspectiva que lança luz sobre como as instituições e as estruturas sociais influenciam e, por vezes, limitam as ações individuais e coletivas. Dada a premissa ontológica, especifica-se o posicionamento social, ou seja, o papel do sujeito socializado dentro comunitária complexa. Assim, a Ontologia Social se tornou uma ferramenta valiosa para compreender a complexidade das ciências sociais e econômicas, proporcionando uma base sólida para análises mais aprofundadas e contextualizadas.

Em resumo, a influência de Veblen e a transição de Lawson para a Ontologia Social demonstram uma trajetória que valoriza a consideração das instituições, das estruturas sociais e das relações humanas na análise das ciências sociais e econômicas. Bem como, reconhece a

importância da evolução e da adaptação ao longo do tempo. Isso contribui para uma compreensão mais rica e contextualizada da complexidade das interações sociais e econômicas.

4.4. ALAIN HERCOVICI E VALOR E HISTORICIDADE NA EPISTEMOLOGIA ECONOMICA (2023)

Alain Herscovici é um pensador que desafia a visão convencional da economia como uma disciplina autônoma e objetiva, argumentando que as teorias econômicas são produtos da contingência histórica, social e política. Sua abordagem se alinha com a Economia Institucional Original (EIO) de Thorstein Veblen, que enfatiza o papel fundamental das instituições na formação das interações econômicas. Ambas as perspectivas reconhecem a necessidade de uma análise econômica mais ampla e contextualizada, destacando a complexidade intrínseca da disciplina e a influência fundamental das instituições na evolução do pensamento econômico. Essa relação entre Herscovici e a EIO proporciona um contexto mais amplo para a análise da teoria econômica e da história das instituições econômicas.

O mundo da filosofia da ciência e da economia tem sido enriquecido por diversas mentes inquisitivas que desafiaram as convenções e repensaram os fundamentos da teoria econômica. Ao longo de sua carreira, Herscovici ofereceu uma análise crítica da Ciência Econômica que transcende os limites das teorias tradicionais, explorando as dimensões históricas, culturais e sociais que moldam a evolução do pensamento econômico⁵⁰. O objetivo desta seção é examinar as contribuições do autor, analisando como sua interpretação epistemológica compreende a economia como disciplina e como parte fundamental da sociedade, na próxima seção procura-se relacionar o pensamento de Herscovici e Foucault com a EIO e Veblen.

Herscovici (2023)⁵¹ sintetiza muitas reflexões sobre a questão epistemológica e da metodologia econômica, "*Value, Historicity, and Economic Epistemology*" na qual ele nos guia por um intrincado labirinto de pensamentos e reflexões sobre a natureza da Ciência Econômica. Ao invocar o legado de pensadores como Michel Foucault e Thomas Kuhn, Herscovici empreende uma análise profunda e multifacetada. Sua exploração das dimensões historicidade e epistemológicas da economia instiga a considerar a Ciência Econômica em sua complexidade

⁵⁰ Para detalhes sobre abordagem na Economia da Cultura ver "Economia da Cultura e da Comunicação" (HERSCOVICI, 1995)

⁵¹ É uma obra que sintetiza as reflexões historicistas de Herscovici (2019) e a crítica à hipótese substancial oriunda de Foucault vista em Herscovici(2020), pode-se citar o texto sobre a implosão do *mainstream* em uma perspectiva lakatosiana (2015) como outra fonte prévia das suas reflexões.

mais ampla. Além dos aspectos de descontinuidade no processo histórico da teoria econômica como um todo, o objetivo é descrito em Herscovici (2023, p. 5) da seguinte forma:

will try to reconstruct the sinuous paths that run through the different researches in Economics, highlighting its different points of bifurcation, its contradictions, as well as the compatibilities and incompatibilities that exist between the different schools of thought. I will examine the elements of continuity, but also of discontinuity, in order to portray the main evolutions of Economic Science, since its foundation with the Physiocratic School until today

No centro de seu trabalho está a ênfase na historicidade da Ciência Econômica. Herscovici desafia a noção de que a economia é uma entidade autônoma e imutável, argumentando que suas teorias e paradigmas são produtos da contingência histórica, política e social. Ele demonstra como as raízes da economia estão firmemente entrelaçadas com as mudanças culturais e políticas ao longo do tempo, levando-nos a considerar a disciplina de uma maneira nova e esclarecedora.

Além disso, Herscovici lança luz sobre a relação complexa entre práticas discursivas e não discursivas na Ciência Econômica, mostrando como as relações de poder no campo da produção científica influenciam sua evolução. Inspirado por Foucault, ele examina as teorias econômicas em si, mas também as contextualiza dentro do tecido social e político que molda seu desenvolvimento. Sobre a conceituação de *epistémê*, é possível ainda compreender o conjunto de relações entre ciências, figuras epistemológicas, positivities e práticas discursivas, permitindo entender o jogo das coações e das limitações que, em um momento determinado, se impõem ao discurso (Foucault, [1969]/2008). Embora haja uma certa rigidez limitadora na concepção de episteme de Foucault, pois segundo ele em uma cultura e num dado momento, nunca há mais que uma *epistémê*, que define as condições de possibilidade de todo (Foucault, [1970]/1999). Essa concepção também suscita debates sobre a flexibilidade e adaptabilidade das estruturas epistemológicas em face das transformações na sociedade e nas ciências, revelando uma área de contínua investigação na filosofia da ciência e na epistemologia."

Em "*Value, Historicity, and Economic Epistemology*", Herscovici expande o conceito de episteme de Foucault, tornando-o mais flexível, permitindo uma análise dinâmica das mudanças paradigmáticas na economia. Essa flexibilização conceitual oferece um novo prisma para compreender as descontinuidades e as mudanças na Ciência Econômica, lançando luz sobre como diferentes escolas de pensamento econômico surgem e evoluem em resposta às

complexidades da sociedade. Para isso usa o conceito de paradigma de Khun, segundo Hercovici (2023, p. 41):

Foucault does not explain the transition between different epistemes; Kuhn explains the transition from one paradigm to another, this from the proliferation of anomalies, that is, facts that the dominant theory is not able to explain. Thus, during this transition period, it is possible to observe the temporary coexistence of two paradigms and explain the paradigm changes. Kuhn was aware of Foucault's limits.

Assim, ao introduzir a noção de paradigmas às reflexões de episteme de Foucault, é possível acompanhar a evolução das ciências econômicas em termos históricos com a coexistência de mais de uma episteme⁵². *“In Foucault, the incommensurability of epistemes is absolute, while, for Kuhn, the incommensurability of paradigms is relative”* (HERSCOVICI, 2023).⁵³

De uma forma geral, Hercovici se revela como um intelectual provocador e inovador, cujas contribuições para a filosofia da ciência e a economia reconsideram a Economia em seu contexto histórico e epistemológico mais amplo. Sua abordagem multidisciplinar e capacidade de navegar na complexidade Ciência Econômica convida a explorar suas dimensões ainda inexplorada e reconsiderar a compreensão de valor, historicidade e de epistemologia econômica.

Hercovici amplia ainda mais seu escopo ao mergulhar na "História das Ideias Econômicas." Ele questiona a noção tradicional de ortodoxia e heterodoxia na Economia, argumentando que essas categorias não se baseiam simplesmente na teoria de valor adotada, mas sim na incorporação ou refutação da historicidade nos paradigmas econômicos. Isso implica que a separação entre escolas de pensamento econômico não é simplesmente uma questão de dogma teórico, mas uma questão mais profunda que envolve a atitude em relação à história, à influência social e à epistemologia.

Hercovici demonstra como as Escolas de Pensamento em Economia abraça ou rejeita a historicidade em suas teorias, e como isso molda suas percepções sobre o valor, a economia, e a própria natureza da Ciência Econômica. Essa questão da historicidade é basilar, pois une o pensamento filosófico de diversos pensadores contra uma lógica cartesiano-kantiana. O neo-

⁵² O mesmo deve ser válido se introduzíssemos o conceito Lakatiano de Programa de Pesquisa Científica (PPC). Isso já é sugerido por Hercovici (2023, p.43n)

pragmatista Richard Rorty em *Filosofia e o Espelho da Natureza* ([1979]/1994, p. 25) cita três deles⁵⁴:

Um modo de ver como a filosofia analítica se ajusta ao padrão cartesiano-kantiano tradicional é ver a filosofia tradicional como uma tentativa de escapar da história – uma tentativa de encontrar condições a-históricas de qualquer desenvolvimento possível. A partir dessa perspectiva, a mensagem comum de Wittgenstein, Heidegger e Dewey é historicista. Cada um dos três nos lembra que as investigações dos fundamentos do conhecimento, ou moralidade, ou linguagem, ou sociedade podem ser simplesmente apologéticas, tentativas de eternizar certo jogo de linguagem, prática social ou autoimagem contemporâneos.

Nesse contexto, a abordagem multidisciplinar de Herscovici e a Economia Institucional Original ressoam com a perspectiva de historicidade de filósofos, sobretudo de Dewey. Ao transcenderem as barreiras disciplinares, essas correntes de pensamento reconhecem a importância de abordar a economia, a linguagem e a sociedade em seu contexto histórico e em constante evolução. A análise econômica, quando informada por essa visão mais ampla, ganha uma profundidade e riqueza adicionais, desafiando as abordagens tradicionais que tendem a desconsiderar a historicidade em favor de estruturas rígidas e a-históricas⁵⁵.

Assim como a EIO, há consonância com compromisso de uma abordagem multidisciplinar, como por exemplo, pelos estudos sociológicos de Bourdieu, nos seus estudos de campos sociais e de produção científica. Segundo Herscovici (2023, p. 42)

The analyses linked to the Sociology of Science (Bourdieu, Merton) also allow explaining the coexistence of several paradigms, in the same period: from Bourdieu's theory of social fields, the field linked to scientific production is characterized by a struggle between different actors to dominate, symbolically, the field, which presupposes the permanence of incompatible paradigms, and a hierarchy of paradigms, according to the different degrees of legitimacy.

Herscovici investiga também um tema metodológico bastante controverso em Economia, ou seja, o conceito de capital na economia chamado de "Controvérsia de Cambridge". A abordagem neoclássica (da Universidade de Cambridge dos Estados Unidos), assume a existência do capital agregado como constante e universal, independente das variáveis distributivas que estão envolvidas. Isso reflete uma visão "capital-centrista" que tenta

⁵⁴ E poderia ter citado Michel Foucault também.

⁵⁵ Richard Rorty (1931-2007) é um elo importante entre EIO e o pensamento de Herscovici. Pois se o pragmatismo é uma das bases filosóficas da EIO e também se aproxima de uma visão historicista, argumenta-se pela possibilidade de uma conexão filosófica pragmatista entre EIO e Herscovici.

universalizar os mecanismos do capitalismo em todas as sociedades, independentemente de seu contexto histórico. Em sua análise, Herscovici destaca como essa abordagem reflete a resistência à historicidade, uma questão crucial que permeia sua obra.

Esse é um exemplo de como os valores epistemológicos do pesquisador influenciam na geração de teorias. Ou seja, não há neutralidade científica propagada em muitos meios acadêmicos influenciados pelo positivismo ou pelo *mainstream*. Pelo contrário, há vieses sociais que influenciam nas concepções econômicas do pesquisador. É um fator que deve ser levado em conta.

Em suma, as contribuições de Herscovici (2023) conduzem exploração do caráter evolutivo e dinâmico da Ciência Econômica. Ao questionar a validade das abordagens ortodoxas, o autor incentiva uma análise mais profunda sobre como a historicidade e a epistemologia se entrelaçam e influenciam a produção do conhecimento econômico. É uma abordagem que tem como centro a criatividade, a ciência social admite a evidência de que a vida humana é, em parte significativa, um processo criativo consciente, o que implica postular o princípio da responsabilidade moral (FURTADO, 2007). Em última análise, considera a complexidade das escolas de pensamento econômico como um reflexo das complexidades da sociedade e da história.

4.4.1. RELAÇÃO ENTRE HERCOVICI E FOUCAULT COM VEBLEN E A EIO

A relação entre Herscovici, Foucault e a Economia Institucional Original de Veblen oferece uma perspectiva fascinante sobre como diferentes correntes de pensamento se entrelaçam na análise crítica da economia e da sociedade. Herscovici, (2019, 2023) explora uma abordagem historicista e crítica da ciência econômica. Em ambas as obras, ele critica a visão convencional de uma economia autônoma e objetiva, ressaltando que as teorias econômicas são moldadas por contextos históricos, sociais e políticos. No entorno da crítica que faz à medida de valor neoclássica há uma citação de *On Nature of Capital* de Veblen (1908) em Herscovici (2023, p.1-2):

The universalist thesis is one of the fundamental components of the neoclassical school: the neoclassical macroeconomic causality is based on the assumption that allows designing production function in which capital is conceived and evaluated as a constant quantity. It is a reification mechanism that conceives the capital as a “natural” process which remains the same over time, i.e., the same in terms of social value. Such natural conception denies the historical and social characteristics of the concept of capital. In this respect, Veblen (1908, p. 111) affirms that capital goods

‘are capital in the measure, not of their technological service ability, but in the measure of the income which they may yield to their owner’” (itálico original)

Isso remete à discussão do valor, presente nas questões econômicas levantadas por Herscovici. Porém o valor não teria um centro gravitacional, um preço natural em termos de Adam Smith e posteriormente com os neoclássicos na noção de equilíbrio (VEBLEN, 1899b, 1899c, 1900)⁵⁶. Mas sim, haveria uma relação social complexa, o que levaria invariavelmente à necessidade de acompanhamento histórico dos valores sociais, o que pode ser fundamento de uma noção de equilíbrio indeterminado (HERSCOVICI, 2002).

Seguindo esse argumento, Thorstein Veblen e a EIO se destacam por sua ênfase nas instituições como elementos centrais na análise econômica. Veblen argumentou que o comportamento econômico é fortemente influenciado pelo ambiente institucional em que ocorre. Essa perspectiva se alinha com a abordagem de Herscovici e Foucault uma vez que enfatiza a importância da historicidade e da dimensão social na economia.

Ao explorar as ligações entre a EIO e as construções discursivas de Foucault, Herscovici proporciona uma visão enriquecedora de como a economia é influenciada pela evolução de suas bases conceituais e pela interação entre suas instituições e discursos. Essa abordagem reconhece que a economia não é uma entidade estática, mas sim um campo em constante evolução, onde a mudança conceitual e a influência dos discursos desempenham papéis cruciais. À medida que novos “hábitos de pensamento”⁵⁷ (VEBLEN,[1898]/2017) emergem e “as instituições econômicas interagem com diferentes discursos” (FOUCAULT, [1970]1999), a economia se adapta e se transforma. Essa compreensão nos ajuda a apreciar a complexidade e a riqueza da análise econômica, desafiando as abordagens tradicionais que tendem a simplificar a economia em termos estáticos e previsíveis.

A “grande conversação”⁵⁸ entre essas correntes de pensamento nos convida a explorar as nuances da disciplina econômica, ampliando nossa compreensão e crítica. Essa interseção de influências é um convite para uma apreciação mais profunda da economia como uma ciência

⁵⁶ Discussões sobre valor e método para a EIO se encontram em Tool (1993 e 2000). A nosso juízo, é notória a possibilidade de aproximação com Herscovici.

⁵⁷ Um ponto ainda a se esclarecer é a concepção de Herscovici sobre hábitos de pensamento como fundamento das instituições.

⁵⁸ A grande conversação é uma parte fundamental da tradição filosófica, na qual ideias antigas são continuamente reinterpretadas e novas perspectivas são exploradas.

social dinâmica e em constante transformação. O que remete ao tema do pluralismo, ao analisar *Beyond the Positivism* ([1982]/1994) de Caldwell, Ana Maria Bianchi (1992, p.139) diz:

As metas do estudo metodológico não consistem em traçar um caminho obrigatório ou encontrar um método infalível (*fullproof*). Esse método não existe, ou mesmo que exista nunca podemos ter certeza de tê-lo encontrado. As metas da metodologia são muito mais modestas, porque, como se trata de um simples instrumental, não substitui o trabalho substantivo... O método[pluralista] de Cadwell vem justamente atenuar o caráter prescritivo da tradição metodológica popperiana.

Em síntese, a troca de concepções entre diferentes correntes de pensamento econômicos ou não econômicos destaca a importância de abordagens interdisciplinares, ressaltando a diversidade e inovação de conceitos e de métodos. É justamente isso que Herscovici (2023) realizou.

4.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, explorou-se debates metodológicos contemporâneos e suas relações com a EIO, uma abordagem que enfatiza a importância das instituições na análise econômica. A crise financeira de 2008 serviu como catalisador para a revisão dos métodos e teorias convencionais, levando pesquisadores a buscar abordagens mais interdisciplinares e contextualizadas. Com sua teoria do Darwinismo Generalizado, Hodgson argumenta que as instituições econômicas evoluem em resposta a desafios e oportunidades, destacando a necessidade de uma análise dinâmica da economia. Por sua vez, Lawson e Herscovici expandem o debate metodológico examinado até então. Lawson defende o realismo crítico e a Ontologia Social, e Herscovici explorando a historicidade da Ciência Econômica e sua relação com o poder.

Veblen exerce importante influência na abordagem de Hodgson. Isso pode ser verificado na ênfase deste último na evolução institucional e na crítica à economia convencional. Tal fato ressalta a importância duradoura das ideias de Veblen no campo da análise institucional. No entanto, o Darwinismo Generalizado também enfrenta críticas por sua simplificação excessiva da aplicação da seleção natural a instituições sociais complexas, ressaltando a complexidade das relações sociais.

Enquanto isso, a transição de Tony Lawson do Realismo Crítico para a Ontologia Social amplia a compreensão da economia como uma disciplina contextualizada, que leva em consideração as influências das estruturas sociais e da história.

Herscovici questiona a ortodoxia da Economia ao enfatizar a historicidade da disciplina e a influência das relações de poder na produção de conhecimento econômico. Sua abordagem amplia a perspectiva da Economia Institucional Original, contrapondo a concepção de uma economia autônoma e objetiva.

Essas contribuições metodológicas contemporâneas são cruciais para a construção de uma visão mais abrangente e interdisciplinar da EIO. Elas enfatizam a evolução das instituições, a historicidade da disciplina econômica e a influência das estruturas sociais e do poder. Essas abordagens desafiam a simplificação excessiva da economia convencional e incentivam uma análise mais contextualizada e holística das ciências sociais e econômicas. Ao considerar essas perspectivas em conjunto, acredita-se que a abordagem interdisciplinar, característica da análise da EIO, é fortalecida, permitindo uma compreensão mais rica e complexa da economia e da sociedade.

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO

A conclusão central desta dissertação é que é possível e desejável a interação entre a análise metodológica de Veblen e a de autores contemporâneos, como Herscovici, Lawson e Hodgson. Ao unir as perspectivas de Veblen sobre a historicidade e a influência das instituições com as contribuições mais recentes desses autores, pode-se obter uma análise econômica mais abrangente e contextualizada. Essa sinergia entre o pensamento de Veblen e as abordagens contemporâneas enriquece a compreensão da economia, permitindo capturar sua complexidade e evolução. Portanto, a interação entre essas análises metodológicas é não apenas viável, mas também benéfica, fornecendo uma base sólida para futuras pesquisas e uma visão mais rica da economia e de sua evolução.

Os fundamentos metodológicos da EIO, descritas no capítulo 3, desempenham um papel crítico na construção de uma base sólida e coerente para a dissertação, permitindo explorar a evolução da filosofia e história da ciência sob a perspectiva institucional e evolucionária. Eles também facilitam a avaliação da relevância e da contribuição da EIO para a compreensão de questões econômicas contemporâneas.

Destaca-se o papel fundamental da EIO na evolução da teoria econômica, não apenas como uma crítica à Escola Neoclássica, mas também como uma abordagem que incorpora elementos conceituais interdisciplinares e uma compreensão mais abrangente da economia. Isso ajuda a estabelecer a importância da EIO e sua relevância contínua na análise econômica contemporânea.

Além disso, demarca-se a importância da evolução e adaptação na análise das instituições, um conceito que reflete as concepções de Thorstein Veblen. A visão de Geoffrey Hodgson sobre o Darwinismo Generalizado lembra que as instituições estão em constante evolução, moldadas pela seleção competitiva. Isso ressoa com a noção de "hábitos de pensamento" de Veblen, que reconhece a dinâmica da mudança ao longo do tempo.

As contribuições de Tony Lawson, juntamente com as concepções de Veblen, enriquecem nossa compreensão das estruturas sociais e como elas influenciam as interações econômicas. Lawson aprofunda essa compreensão, destacando a complexidade das relações ontológicas dentro de um ambiente social. Esse enfoque não apenas fortalece o estudo da EIO como também ressalta a importância de incorporar perspectivas filosóficas na análise das instituições econômicas e das estruturas sociais subjacentes.

As contribuições de Herscovici, conforme apresentadas em seu livro de 2023 "*Value, Historicity, and Economic Epistemology*", ampliam o debate na análise econômica contemporânea. Ao explorar a interseção entre a história, a economia e a epistemologia, ele enriquece a compreensão do pensamento econômico, destacando como ele é moldado por contextos históricos, culturais e sociais. Essa abordagem se alinha com a metodologia de Veblen, que enfatiza a historicidade na análise econômica, e com os princípios da EIO, que destacam a importância das instituições na economia. A convergência dessas perspectivas promete promover discussões frutíferas no campo metodológico e econômico, fortalecendo ainda mais a análise crítica e contextualizada da economia contemporânea.

É importante reconhecer as limitações desta dissertação devido à natureza da pesquisa e, em particular, às restrições de tempo. A análise abrangente de conceitos complexos e teorias econômicas é desafiadora dentro de um prazo limitado, e o dinamismo do campo econômico pode resultar em uma compreensão parcial das nuances e mudanças ao longo do tempo. Portanto, esta dissertação representa uma contribuição inicial que poderia ser aprimorada por pesquisas futuras com períodos de análise mais extensos.

No entanto, essas limitações não diminuem a importância das contribuições apresentadas, mas indicam áreas para futuras pesquisas. Encoraja pesquisadores a aprofundar a aplicação das correntes de pensamento filosófico à análise econômica e a explorar ainda mais como a abordagem da EIO pode ser enriquecida e adaptada para melhor capturar a complexidade da realidade econômica.

Em resumo, esta Dissertação enfatiza a necessidade de uma abordagem interdisciplinar, contextualizada e economicamente sensível na análise histórica e evolucionária. As contribuições de autores como Geoffrey Hodgson, Tony Lawson e Alain Herscovici e suas relações com o pensamento de Veblen promovem uma visão mais rica e abrangente da teoria e metodologia econômica e de sua evolução. Espera-se que esta dissertação inspire pesquisadores a continuar explorando essas perspectivas e a enfrentar os desafios e complexidades da análise econômica no século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, F.; LUZ, M. R. Appropriation, beliefs, and inculcation: Some other connections between American Pragmatism and Veblen's conspicuous consumer. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 43 n°.1, pp. 125–144 - Jan-Mar/2023.
- ALMEIDA, B. R. B. de. **A Concepção de Unidade Ontológica Heterodoxa de Tony Lawson**. 2023. 74 folhas. Dissertação (Mestrado em Nome do Programa, Universidade Federal do Paraná, Curitiba).
- ARGYROUS, G.; SETHI, R. The theory of evolution and the evolution of theory: Veblen's methodology in contemporary perspective. **Cambridge Journal of Economics**, V. 20, n°.4 pp. 475-951, jul/1996.
- BARTLEY, R.H.; BARTLEY, S.M. The Metaphysical World of Thorstein Veblen: Of and Beyond the Here and Now. In: PLOTKIN, S. **The Anthem Companion to Thorstein Veblen**. New York: Anthen Press, 2017.
- BIANCHI, Ana Maria. Muitos métodos e o método: a respeito do pluralismo. **Revista de Economia Política**, v. 12, n° 2, pp. 135-142, 1992.
- BIDERMAN, C.; COZAC, L. F. L.; REGO, J. M. **Conversas com Economistas Brasileiros**. São Paulo: 34, 1996.
- BLAUG, M. **Medodologia da Economia**: ou o modo de fazer dos economistas – São Paulo: Edusp – [1980]/2016.
- BOURDIEU, P. A Economia das Trocas Simbólicas. 8ªed. São Paulo: Perspectiva, [1989]/2015
- BOURDIEU, P. Os Usos Sociais da Ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp/INRA, [1979]/2004.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Os dois métodos e o núcleo duro da teoria econômica. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 29, n.2, pp.163-190, abr./jun. 2009.
- BRITES, M.; ALMEIDA, F. A Economia Institucional Original no Brasil. *História Econômica & História de Empresas*, v. 26, n. 1, pp. 235-260, abr / 2023.
- BUSH, P. D. The Methodology of Institutional Economics: A Pragmatic Instrumentalist Perspective. In TOOL, M. 1993 (org). **Institutional Economics: Theory, Method, Policy**. Norwell: Kluwer Academic Publishers, pp.59-107, 1993.

CAIRNES, J. E. [1875] **The Character and Logical Method of Political Economy**. New York: Cosimo inc, 2007.

CALDWELL, B. J. [1982]/ **Beyond Positivism**, London: Routledge, 1994.

CAMIC, C. **Veblen: The Making of an Economist Who Unmade Economics** – Cambridge: Havard University Press, 2020.

CAVALIERI, M. **O Surgimento do Institucionalismo Americano: um ensaio sobre o pensamento e o tempo de Thorstein Veblen** – Tese de doutorado – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2009.

CAVALCANTE, C. M. Análise metodológica do positivismo lógico ao realismo crítico. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência (UNICAMP)** v.1, nº. 2, pp. 263-300, jul.-dez/2015.

CAVALCANTE, C. M. **Análise Metodológica da Economia Institucional** - Dissertação de mestrado Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil. 2007

CAVALCANTE, C. M. Metodologia e modelos econômicos. **Principia (Florianópolis. Online)**, v. 18, pp. 187-208, 2014.

CHAVANCE, B. **La Economia Institucional**, Ciudad de Mexico, Fondo De Cultura Economica, 2018.

COLANDER, D., HOLT, R., ROSSER JR., B. The changing face of mainstream economics, **Review of Political Economy**, V.16, nº4, pp. 485-499, 2004.

COMMONS, J.R. Economia Institucional. In: Alexandre Ottoni Teatini Salles; Huáscar Fialho Pessali, Ramón Garcia Fernández. (Org.). **Economia Institucional: Fundamentos teóricos e históricos**. São Paulo: Unesp, v. 1, pp. 67-80, 2017.

CONCEIÇÃO, O. A. C. **Os antigos, os novos e os neo-institucionalistas: há convergência teórica no pensamento institucionalista?** *Análise Econômica (UFRGS)*, Porto Alegre, v. 19, n.36, pp. 25-45, 2009.

DARWIN, Charles. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Edipro, [1859]/2018.

Dequech, David. The Future of Heterodox Economics: An Institutional Perspective. **Journal of Economic Issues**, v. 55, nº.3, pp. 578-583, jul/2021.

DEWEY, J. **Experiência e Natureza**. Coleção os Pensadores Vol. LX – São Paulo: Abril, 1974

DOW, S. Economic methodology, the philosophy of economics and the economy: another turn? **Journal of Economic Methodology**, vol. 28, nº1, pp. 46-53, jan/2021.

DORFMAN, J. **The Source and Impact of Veblen Thought**. In: Thorstein Veblen: A critical reappraisal. New York: Cornell University Press, 1958.

FEYERABEND, P. **Contra o Método** - São Paulo: Unesp. [1975]/2011

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 7ªed.. [1969]/2008.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 8ªed., [1970]/1999.

FREITAS, T. Veblen e a Psicologia dos Instintos. **Revista Economia Ensaios**, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil, v. 35, n. 1, 2020.

FRIEDMAN, M. **The methodology of positive economics**. In Essays on positive economics, Chicago, Phoenix Books.[1953]/1966.

FURTADO, C. **O Capitalismo Global**. São Paulo, Paz e Terra, 2007.

GALA, P. S. O. S.; FERNANDES, D. A.; REGO, J. M.. Pragmatismo e economia, elementos filosóficos para uma interpretação do discurso econômico. **Estudos Econômicos. Instituto de Pesquisas Econômicas**. São Paulo, v. 36, n.3, pp. 1-25, set/2006.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa** – São Paulo: Atlas, 2017.

GUEDES, S. **Introdução à Teoria Econômica de John Roger Commons**: Curitiba: 1ed. Appris, 2019.

HAMILTON W. H. A Abordagem Institucional para a Teoria Econômica. In: SALLES, A.O.T.; PESSALI, H. F., FERNANDEZ, R. G. (Org.). **Economia Institucional: Fundamentos teóricos e históricos**. São Paulo: Unesp, v. 1, pp. 53-66, [1919]/ 2017

HAMILTON W. H.. Veblen, Then and Now In: **Thorstein Veblen: A critical reappraisal**. New York: Cornell University Press, 1958.

HERSCOVICI, A.P. **Dinâmica macroeconômica**: uma interpretação a partir de Marx e de Keynes. 1. ed. São Paulo/ Vitória: EDUC/EDUFES, 2002.

HERSCOVICI, A.P. **Essays on the Historicity of Capital**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

HERSCOVICI, A.P. A Economia Neoclássica: uma análise lakatosiana. **Revista de Economia Política (Impresso)**, v. 35, pp. 10-31, 2015.

HERSCOVICI, A.P. Hipótese substancial, valor e produção simbólica. **Eptic On-Line (UFS)**, v. 19, pp. 7, 2017.

HERSCOVICI, A.P. **Valor, Ciência Econômica e Historicidade**: reflexões a respeito da hipótese substancial. (Um estudo preliminar) Valor, Ciência Econômica e Historicidade: reflexões a respeito da hipótese substancial. (Um estudo preliminar). **Revista Geografares**, v. 2, pp. 26-54, 2020.

HERSCOVICI, A.P. **Value, Historicity, and Economic Epistemology**: na archaeology of economic science – Cham: Palgrave Macmillan: 2023.

HODGSON, G.M. **How Economics Forgot History**: the problem of historical specificity in social science. - London: Routledge, 2001.

HODGSON, G.M. **Economics and Institutions: A Manifesto for a Modern Institutional Economics**. University of Pennsylvania Press, Filadelfia. 1988.

HODGSON, G.M. **The Evolution of Institutional Economics**: Agency, structure and darwinism in American Institutionalism 1ed. London and New York. Routledge, 2004.

HODGSON, G.M. O Que São Instituições - In: SALLES, A.O.T.; PESSALI, H. F., FERNANDEZ, R. G.(Org.). **Economia Institucional: Fundamentos teóricos e históricos**. 1ed. São Paulo: Unesp, v. 1, pp. 121-158, [2006]/2017.

HODGSON, G.M. A abordagem da Economia Institucional. In: SALLES, A.O.T.; PESSALI, H. F., FERNANDEZ, R. G.(Org.). **Economia Institucional: Fundamentos teóricos e históricos**. São Paulo: Unesp, v. 1, pp. 249-294, [1998]/2017.

HODGSON, G.M. Thorstein Veblen: The Father of Evolutionary and Institutional Economics. In: REINERT, Erik S.; VIANO, Francesca (Orgs.). **Thorstein Veblen: Economics for an Age of Crises**. Anthem Press, 2012, pp. 283-295.

HODGSON, G.M.; KNUDSEN, C. **Darwin's Conjecture** - the search for general principles of social and economic evolution – Chicago: Chicago Press 2010.

HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, M. **História do Pensamento Econômico**: Uma perspectiva crítica, 3ªed. Rio de Janeiro: GEN/ Atlas, [2011]/2021.

- JAMES, W. **Princípios de Psicologia** – Coleção os Pensadores Vol. LX – São Paulo: Editora Abril, 1974.
- JORGENSEN; E. W.; JORGENSTEN, H. I. **Thorstein Veblen: Victorian Firebrand** – New York. Routledge, 1998.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1781/1983.
- KANT, I. **Crítica da Faculdade do Juízo**. 2ª Edição. Trad.: Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, /1790/2005.
- KANT, I. **Crítica da Razão Prática**. 1º Edição Bilingue. Trad. Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 1788/2003.
- LAWSON, T. **The Nature of Social Reality: Issues in Social Ontology**. Routledge, 2019.
- LAWSON, T. **Reorienting Economics**. London: Routledge, 2003.
- LAWSON, T. **Whatever happened to neoclassical economics?** - Revue de Philosophie Économique · v. 22, n°. 1, pp.39-84, jan/ 2021.
- LUZ, M. R. S.; FRACALANZA, P. S. Darwinismo Universal e Economia Evolucionária: Recurso ontológico ou mais uma analogia? **Ensaio FEE (Impresso)**, v. 32, pp. 31-50, 2011.
- MAYHEW, A. O Início do Institucionalismo. In: SALLES, A.O.T.; PESSALI, H. F., FERNANDEZ, R. G. (Org.). **Economia Institucional: Fundamentos teóricos e históricos**. 1ed.São Paulo: Unesp, v. 1, p. 185-222, [1987]/2017.
- MIROWSKI, P. Philosophical Bases of Institutional Economics – **Journal of Economic Issues**, v.21, n°3, pp. 1001-1038, jul/1987
- MITCHELL, W. The rationality of economic activity: I. **The Journal of Political Economy**, v. 18, n. 2, pp. 97-113, fev/1910^a.
- MITCHELL, W. The rationality of economic activity: II. **The Journal of Political Economy**, v. 18, n. 3, pp.197-216, mar/1910^b.
- MITCHELL, W. Human behavior and economics: a survey of recent literature. **The Quarterly Journal of Economics**, v. 29, n. 1, pp. 1-47, nov/1914.
- MITCHELL, W. Quantitative Analysis in Economic Theory. **The American Economic Review**, v. 15, n°. 1, pp. 1-12, mar/1925.
- MORGAN, C. L. **Habit and instinct** – London; Edward Arnold, 1896.

NELSON R.; WINTER S. G. Evolutionary Theorizing in Economic, **Journal of Economic Perspective** – V. 16, nº.2, pp.26-46, 2002.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva. 2013

POPPER, K. **A Lógica da Pesquisa Científica**, Coleção Os Pensadores Vol. XLIV. São Paulo: Abril, [1935]/1975.

ROBINSON, J. **Filosofia Econômica**. São Paulo: Unesp, [1962]/2016.

RORTY, R. **A Filosofia e o Espelho da Natureza**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, [1979]/1994.

RUTHERFORD, M. Institutional Economics: Then and Now. **Journal of Economic Perspectives**, v.15, nº.3, pp. 173-194 – 2001.

SALLES, A. O. T.; PESSALI, H. F.; FERNÁNDEZ, R. G. **Economia Institucional: fundamentos teóricos e históricos**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

SCHUMPETER, J. A.. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. São Paulo, Unesp, 1942/2017

SHERMAN, H. The Business Cycle Theory of Wesley Mitchell - **Journal of Economic Issues**, V. 35, nº. 1, pp. 85-97, mar/2001.

TOOL, M. (org). **Institutional Economics: Theory, Method, Policy**. Norwell, Kluwer Academic Publishers, 1993.

TOOL, M. The Theory of Instrumental Value: Extensions, Clarifications. In: TOOL, M. (org) . **Institutional Economics: Theory, Method, Policy**. Norwell, Kluwer Academic Publishers, pp.119-159, 1993.

TOOL, M. **Value Theory and Economic Progress: the institutional economics of J. Fagg Foster**. Norwell, Kluwer Academic Publishers, 2000

VEBLEN, T. B. Por que a Economia Não É Uma Ciência Evolucionária? - In: SALLES, A.O.T.; PESSALI, H. F., FERNANDEZ, R. G.(Org.). **Economia Institucional: Fundamentos teóricos e históricos**. São Paulo: Unesp, v. 1, pp. 31-52, 1898a/2017.

VEBLEN, T. B. O Instinto para o Artesanato e a Aversão ao Trabalho em Geral. **Revista OIKOS**, Ano VI, nº.8, pp.188-202, [1998b]/2007.

VEBLEN, T. B. Kant e a Crítica do Juízo – Tradução: Flávio Rocha de Deus - **Revista Occurs** -Fortaleza – V. 6, N. 2, pp.320-333, , Jul./Dez. 2021.

VEBLEN, T. B. The place of science in modern civilization (1906) – In: HODGSON, G. M.; CAMIC, C. **Essential Writings of Thorstein Veblen**. New York, Routledge, 2011.

VEBLEN, T. B. Limitations of Marginal Utility [1909] In: HODGSON, G. M.; CAMIC, C. **Essential Writings of Thorstein Veblen**. New York, Routledge, 2011.

VEBLEN, T. B. Mill's theory of the taxation of land (1882) – In: HODGSON, G. M.; CAMIC, C. **Essential Writings of Thorstein Veblen**. New York: Routledge, 2011.

VEBLEN, T. B. **Teoria da Classe Ociosa** – In: Coleção Os Pensadores Volume XL – São Paulo: Abril, pp.277-456, [1899a] /1974.

VEBLEN, T. B. The Preconception of Economic Science part I – I **The Quarterly Journal of Economics**, v. 13, Nº.2 (Jan. 1899b) pp. 121-150, jan/1899b.

VEBLEN, T. B. The Preconception of Economic Science part II – I **The Quarterly Journal of Economics**, v. 13, Nº. 4 (Jul., 1899c), pp. 396-426, jul/1899c.

VEBLEN, T. B. The Preconception of Economic Science part III – I **The Quarterly Journal of Economics**, v. 14, Nº. 2, pp. 240-269, feb/1900.

VEBLEN, T. B. **The Instinct of Workmanship and the State of Industrial Arts**. London: Forgotten Books, [1914]/2018.

VEBLEN, T. B. **Absentee Ownership.: and the business enterprise in recente times** London: George Allen & Unwin, 1924.

VEBLEN, T. B. Economic Theory in the Calculable Future. **The American Economic Review**, v. 15, n. 1, Supplement, Papers and Proceedings of the Thirty-seventh Annual Meeting, pp. 48-55, mar/1925.

VEBLEN, T. B. On the Nature of Capital. **Quarterly Journal of Economics** v.22, nº.4, pp.517–542. 1908.

WILBER, C.K.; HARRISON, S. The Methodological Basis of Institutional Economics: Pattern Model, Storytelling, and Holism. **Journal of Economic Issues**, v. 12, nº 1, pp. 61-89, 1978.